



Let's Have a Kiki

Vivências da primeira *house* de Cultura *Ballroom* no Sul do Brasil

▶ 0:00 / 0:45   

[Audiodescrição](#)

Feiticeiras da Ilha

Florianópolis é vendida ao público como rota do turismo LGBTQIA+ no Brasil, além de criar uma imagem de bem receptiva aos seus turistas e ao resto do país. Mas a realidade é outra, temos uma cidade que discrimina por conta de cor, gênero e sexualidade, saindo impunes pela justiça.

Para Marcos Aurélio da Silva, doutor em Antropologia Social pela UFSC, “cria-se uma sensação que a cidade é mais aberta e tal, mas na prática não tinha nada disso, existiam essas cenas de violência policial, principalmente contra as travestis”, a questão do turismo pelas praias é outro fator importante “Florianópolis possui uma vida LGBT muito efervescente, mas muito perene, ela não durava muito tempo, muitas vezes abriam bares, até mesmo boates, no verão e no inverno elas já fechavam”.



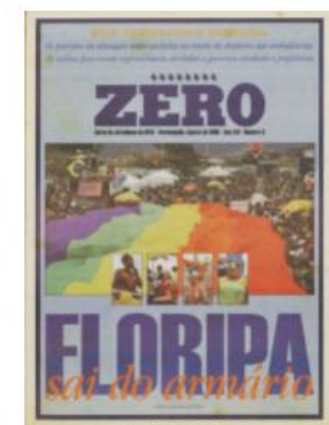


Ever Feiticeira desfilando na categoria *Face* no ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

Ever Feiticeira já foi vítima de homofobia em Florianópolis “Eu já apanhei na rua ali na Hercílio Luz, perto do *shopping* Beiramar. Já teve cenas de agressão comigo e xingamento. Hoje em dia ainda tem, se eu andava com meu namorado de mão dada, por exemplo”. Nascido e criado em Florianópolis, ele já percebeu a dinâmica da capital “A cidade ainda é muito homofóbica, existe um véu que cobre muita coisa, onde as pessoas querem falar que não são homofóbicas, machistas, racistas, mas a gente foi criado em uma cidade que não é assim”.

Os atores da cena LGBTQIA+ têm dificuldade em fazê-la crescer na ilha, se limitando a boates ou a blocos de Carnaval. Florianópolis foi a última capital do Brasil a sediar uma parada da diversidade, sua primeira edição foi em 2006, nove anos depois da primeira parada de São Paulo, fora o fato de ser organizada por empresários, “não é uma parada do movimento social, então Floripa para movimento social nunca foi o forte nesse sentido”, explica Marcos Aurélio.

É nesse contexto de uma cidade que se propõe a ser “amigável” com o público LGBTQIA+, mas na prática não é, que surge a *House of Sorceress*, adotando o nome Casa das Feiticeiras mais recentemente. A história da casa se inicia com Ednei e Will Mario, com formação inicial nos papéis de *father* (pai) e *mother* (mãe) da *house* (casa), respectivamente. Foi por meio de um grupo de *Whatsapp* da comunidade *vogue* do Brasil que os dois se reuniram e se conheceram. Foi



Parada da Diversidade de Florianópolis de agosto de 2006, manchete de capa do jornal Zero.
Fonte: acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina

Ednei quem teve a possibilidade de estar no *BH Vogue Fever* de 2016 e, a partir dessa vivência, foram trazidas as informações sobre a cultura *ballroom* para Florianópolis "deu uma boa guiada, falou de *house*, de tudo, a gente foi muito guiado por ali" , lembra Will Feiticeira.

Em 2017 inicia-se o laboratório de *voguing*, em uma escola de dança de Florianópolis, com o objetivo de reunir as pessoas da capital que desejavam treinar o estilo de dança ou tinham qualquer informação sobre o *voguing*, contribuindo para o "fortalecimento da cena". A primeira tentativa do Ednei para a formação da *house* não foi bem sucedida, em um segundo momento, com Will assumindo o papel de *mother*, foram feitos convites para as pessoas que participavam do laboratório, dando origem à *House of Sorceress*, a primeira *house* do Sul do Brasil.

Por conta dos aspectos regionais que envolvem uma *kiki house*, a escolha do nome "surge por conta dos contos do [Franklin Cascaes](#), ele fala muito das bruxas e das feiticeiras. Como a cena *kiki* diz respeito à região, a ideia não é ser conhecido mundialmente, nosso trabalho é regional, então a ideia foi pegar uma referência bem regional mesmo", explica Will Feiticeira.

Em 2018 a *house* passou a treinar no [Instituto Arco-Íris](#), localizado no centro de Florianópolis. O espaço se tornou uma ótima oportunidade para ampliar o



Símbolo da Casa das Feiticeiras.
Fonte: acervo Casa das Feiticeiras

Florianópolis. O espaço se tornou uma ótima oportunidade para ampliar o público interessado a conhecer e participar dessa cultura, como conta Will “A gente treinava de porta e janela aberta, as pessoas ficavam olhando na esquina da Travessa Ratcliff [no Centro Leste]”. Além disso, antes dos nossos treinos eram ministradas aulas abertas de graça, que colaboraram para dar visibilidade e ganhar público de admiradores e de frequentadores, nas palavras de Will, “deu uma boa fomentada”.

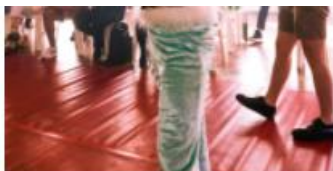
Entretanto, o espaço cedido carecia de manutenção, Zara Feiticeira lembra dos desafios que a *house* enfrentou “A gente estava em um lugar que não tinha espelho, insalubre, que chovia e caía pingo lá, a gente tinha que ficar limpando, não que seja problema a manutenção de espaço, mas gastava o tempo que a gente estava lá para dançar”. Will complementa “por mais que o Arco-íris fosse um lugar 'massa' no Centro, trabalhando com o público que a gente precisava muito conhecer, sobretudo as travestis, o espaço era muito ruim. Chovia dentro, tinha perigo de [a estrutura] cair, quando a gente chegava e estava chovendo, tinha que pegar um rodo e jogar água para fora para treinar”.

Em 2019 a escola de movimento e expressão Mutama, passou a ceder um espaço para que a *house* pudesse se reunir, tornando-se um local importante para o seu desenvolvimento, pois “lá fomos acolhidos. Foi muito importante para a gente. Era um espaço totalmente feito para isso, um ambiente bem legal”



Zara Feiticeira como *chanter* durante o *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)





Izhy Feiticeira, jurado do *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021.
Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

lembra Will.

Fazer parte do pioneirismo na cena sul-brasileira implicou em algumas dificuldades, como descreve Will, "no começo era mais frio essa parte de família, porque a gente não sabia o que estava fazendo. Diferente de outras *houses*, onde duas pessoas que já viveram bastante *ballroom* assumiam os papéis de *mother* e *father*, com a gente não foi assim, eram duas pessoas que não sabiam nada do que estava acontecendo, não tinham referência nenhuma próxima", descreve Will. Foi um desafio entender também o papel de "mãe" "Ser uma *mother* eu nunca entendi muito bem, não sei exatamente, estou só fluindo, porque eu entendi que eu ia aprendendo no processo. Comecei a entender cada vez mais o que era colocando em prática, todo mundo é filho da *ballroom*, ser mãe, pai, príncipe, princesa é uma função, não é título, é uma função de liderança que você precisa assumir e resolver o que consegue", completa.

Izhy Feiticeira em um primeiro momento ocupava a função de *prince* da *house*, ele precisou assumir o papel de *father* e teve que assumir a responsabilidade já que "Ele [*father*] ficou fora e eu fiquei nessa função, era bem puxado, eu não tinha ideia nenhuma do que eu estava fazendo, mas acabou dando tudo certo".

Desde o início de 2021, Izhy assumiu o papel de *father* definitivamente, deixado



Manu Feiticeira, na categoria *Baby Vogue*, dançando *Vogue Femme* durante o *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

Desde o início de 2021, Izhy assumiu o papel de *father* definitivamente, deixado por Ednei após se desligar da *house*, "É um cargo enorme. Não tinha ideia de como é tão pesado lidar com isso. Agora não se trata só do que eu estou fazendo, trata do que eu vou fazer para que as pessoas também façam, tem muitas expectativas das gatinhas da *house* em cima do que eu estou fazendo. Muitas vezes elas esperam que eu tome iniciativa".

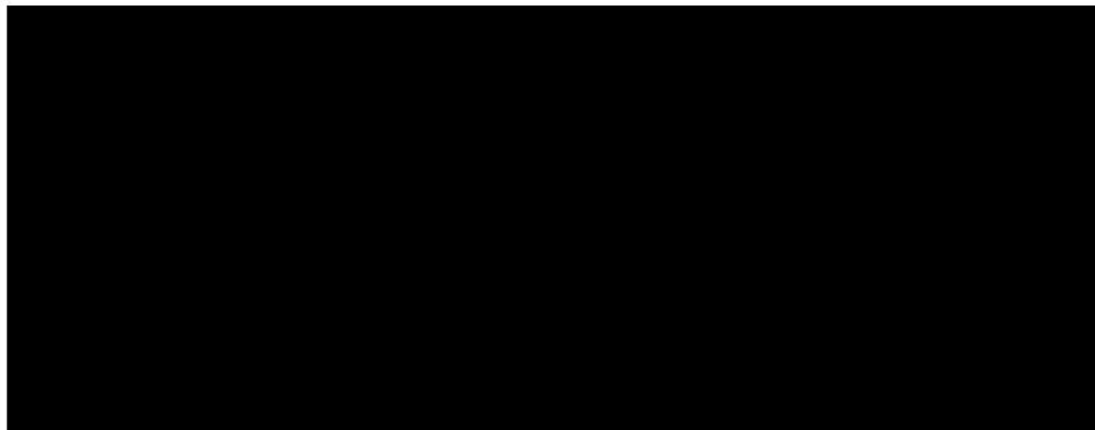




Formação da Casa das Feiticeiras durante o *Ball Floripa is Burning*. Da esquerda para direita: Manu, All, Ever, Luiza, Will, Deca, Izhy, Maritza e Lucas Lara. Florianópolis, novembro de 2021. Créditos: Matheus Trindade (@trindadead)

Para Will foi um longo processo até acontecer a identificação do grupo como família. “Conforme a gente foi entendendo o que é *ballroom*, a gente compreendeu que é mesmo uma família. Antes a gente se considerava muito um grupo de dança, se juntava para treinar e ficar melhor. Foi passando o tempo e a gente precisou se ajudar. Tiveram momentos-chave que um precisou do outro e essas ações foram deixando a gente mais família”.

Essa questão de se parecer um grupo de dança foi ressaltada por outros membros da *house*. “O Ednei tinha uma certa intenção em convidar as pessoas, ele queria convidar somente pessoas que fossem participar de *balls*, que fossem participar dessa cena efetivamente dançante, como se o *vogue* fosse somente dança, e não é”, menciona Ever Feiticeira.





Will Feiticeira durante o *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021.
Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

Vídeo da formação original da *house*, dançando no Instituto Arco-Íris, em outubro de 2018. Fonte: acervo da Casa das Feiticeiras

As mudanças de liderança e todo o contexto da pandemia do novo coronavírus fizeram os membros da Casa das Feiticeiras tornarem-se mais unidos, pois “a *house* passou por dois momentos, um que externamente ela estava produzindo, fazendo aulas abertas, fazendo treinos fechados, participando de eventos, tudo isso antes da pandemia. Veio a pandemia, tudo fechou, e a gente começou a lidar melhor no interno, foi quando teve algumas desavenças, a gente ajustou algumas posições dentro da *house*, ajustou algumas formas de lidar um com o outro dentro da *house* e a partir daí a gente começou a entender real o sentido de família”, comenta Izhy Feiticeira sobre os efeitos da mudanças nos últimos tempos.

Para Zara Feiticeira, a *house* passou a cumprir com esse papel de família, pois “no meu processo de transição [de gênero] me falaram que estava tudo bem — o que é óbvio. Eu sei que está tudo bem, mas quando alguém fala, ajuda muito. É o momento que você sente que pode viver uma vida mais confortável, segura, tranquila, se você estiver perto das pessoas certas naquele momento, e a *house* foi isso de 2018 até hoje”.

Deca Feiticeira também recebeu esse apoio quando passou por sua transição, afirmando que “ter pessoas ao seu redor no seu processo é tudo. Ter pessoas que te validam acaba respaldando, é como nascer de novo. Quando eu conheci a



Deca Feiticeira, durante o *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021.
Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



All Feiticeira durante o ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021.
Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

que te validam acaba respaldando, é como nascer de novo. Quando eu conheci a *house* eu estava no processo de descoberta do meu gênero atual, estruturou minha mente. Eu digo que eu sou quem sou por ter tido um contato muito forte com muitas culturas, muitos mundos, parecia uma pessoa que não sabia nada e descobriu tudo de uma vez só.” Essa experiência foi tão significativa que “me estruturou em muita coisa, desde do que eu penso sobre o mercado de trabalho, sobre sociedade, prestação de serviço social, do SUS e como isso pode me ajudar, tudo isso eu aprendi dentro da *house*”, comenta.

Participar da *house*, para além da convivência familiar constituída biologicamente, representa também um processo de construção de uma nova casa, de um espaço de acolhimento, de um lar. “Quando a gente já é mais velha e está entrando em uma estrutura de família novamente, a gente sabe como fazer diferente, a gente se experimenta de uma forma diferente, de poder ser quem nós somos e sermos aceitos por quem somos, de sermos tratados de uma forma válida, digna, e tendo voz, isso é muito gostoso. Cada vez eu me apaixono mais pelo pessoal da *house* por beber muito das pessoas, poder ver o crescimento, ter uma chance de crescer juntas, dando uma opinião, ou participando de algo da vida da pessoa” arremata.



crescimento, ter uma chance de crescer juntas, dando uma opinião, ou participando de algo da vida da pessoa” arremata.



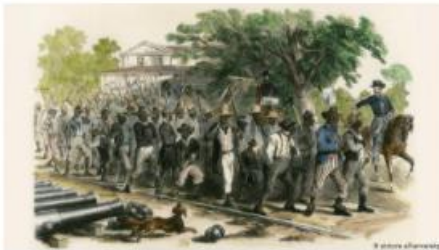
Vídeo de encontro da *house*. Florianópolis, janeiro de 2021. Fonte: acervo da Casa das Feiticeiras

Origem da Cultura *Ballroom*

“Esse refúgio entre os pares nada mais é do que uma casa, do que uma house, uma cena.” - Roberto Dutra

Para entender os fatores que deram origem a Cultura *Ballroom* é preciso entender o ambiente em que ela iniciou. Foi através da população LGBTQIA+ negra e latina moradora de Manhattan e arredores de Nova Iorque, nos Estados Unidos, que nasceram as primeiras manifestações. Tendo o Estado e a sociedade reprimindo essas pessoas ao longo dos séculos somada a uma crise que colocou o estado de Nova Iorque em recessão durante a década de 1970.

Leis de combate a sodomia (termo que designa sexo anal, mas que anda em desuso) datam desde o período colonial dos Estados Unidos, perdurando no estado de Nova Iorque até a década de 1980. A população negra nos EUA viu a escravização ser mantida até 1863, seguida das leis de Jim Crow, determinando a segregação racial no sul do país, que durou de 1877 até 1964. O estado de Nova Iorque não sofreu tanto com as ações de segregação e teve o fim de sua escravidão mais precoce que os demais estados, pois gradualmente iniciou o processo de libertação de escravizados em 1791, tendo sua abolição total da



Reunião matinal para contrabando de trabalhadores afro-americanos para a labuta. Forte Monroe, Virgínia, Estados Unidos, 1860. Fonte: Picture Alliance/AKG



escravatura em 1827.

Entretanto, não podemos focar somente no sul e esquecer do racismo intrínseco no norte dos Estados Unidos. Na matéria do *Washington Post*, de agosto de 2017, os autores descrevem que “O racismo muitas vezes se esconde por trás de rostos educados, linguagem codificada, políticas misteriosas e aplicação da lei venal, ao contrário das marchas iluminadas por tochas pelas ruas. [...] A injustiça racial não era uma doença regional. Era um câncer nacional”.

A cidade de Nova Iorque também reproduzia os discursos de segregação presentes nos estados do sul. Podemos perceber a revolta contra o preconceito no boicote à escola promovido por alunos negros em 2 de fevereiro de 1964, com cartazes escritos “Lute contra Jim Crow, Boicote Escolas” e “Integração significa escolas melhores para todos”.

O próprio Malcolm X, defensor do Nacionalismo Negro nos Estados Unidos, pontuava que “a ultraliberal Nova Iorque teve mais problemas de integração do que Mississippi”. Esse último era um dos estados que sofria com as leis Jim Crow de segregação.

Na cidade de Nova Iorque há regiões com presença maior de populações negras e latinas. O gráfico abaixo produzido pelo *Center for Urban Research (CUR)* ou



Entrada segregada para pessoas negras.
Fonte: The Gordon Parks Foundation



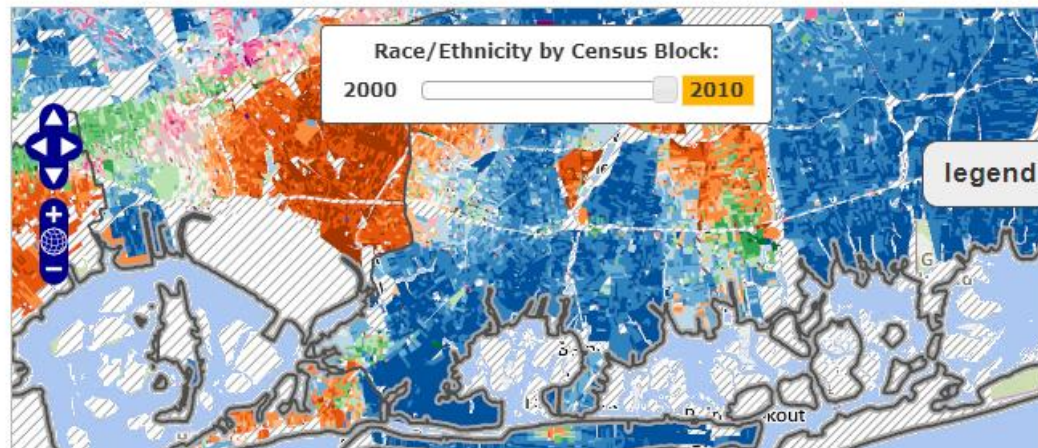
Cinco gerações de escravizados em uma fazenda na Carolina do Sul, 1862.
Fonte: Biblioteca do Congresso dos EUA



Drag Queens sendo presas durante os

Na cidade de Nova Iorque há regiões com presença maior de populações negras e latinas. O gráfico abaixo produzido pelo *Center for Urban Research (CUR, ou Centro de Pesquisa Urbana)*, analisa a presença étnica nova-iorquina, entre os anos 2000 e 2010. Pode-se perceber que as áreas da cidade sofreram poucas mudanças na ocupação dos grupos étnicos.

O mapa a seguir mostra a *Big Apple* e os grupos étnicos que os ocupam. A primeira imagem é de 2000, a segunda é de 2010, com o uso do *mouse* é possível ver a transição. É interessante notar nesse mapa três cores: o laranja, representando populações negras; o azul, representando a população branca; e o verde, representando a população latina. Quanto mais forte a cor, maior a concentração de pessoas desses grupos ocupando esses espaços.



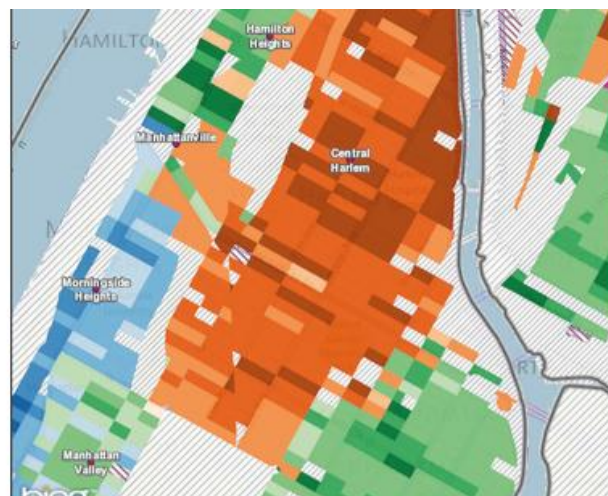
Drag Queens sendo presas durante os protestos de Stonewall. Fonte: Documentário *Stonewall Uprising*



Data from US Census Bureau (PL94-171) analyzed and mapped by [Center for Urban Research](#), [CUNY Graduate Center](#)

Ao se dar enfoque a uma região especial da cidade de Nova Iorque, o bairro Harlem – no norte da ilha de Manhattan –, que de 2000 até 2010 era habitado em sua maioria, por pessoas negras e latinas. No século XVII era uma localidade comprada por holandeses, para formar o *Nieuw Haarlem*. No século XIX se converteu num reduto de imigrantes judeus e italianos. Até os anos 1920 houve uma migração massiva de negros em busca de oportunidades de trabalho e para fugir da opressão racial. É nesse bairro que se funda a *Universal Negro Improvement Association and African Communities League* (UNIA, ou Associação Universal para o Progresso Negro e Liga das Comunidades Africanas), uma entidade pan-africana para melhoria das condições dos negros no país. Esse mapa nos traz a possibilidade de entender como essa população ocupava Nova Iorque na década de 1960, porque foi no Harlem que as pessoas negras e latinas LGBTQIA+ deram início à cultura *Ballroom*.

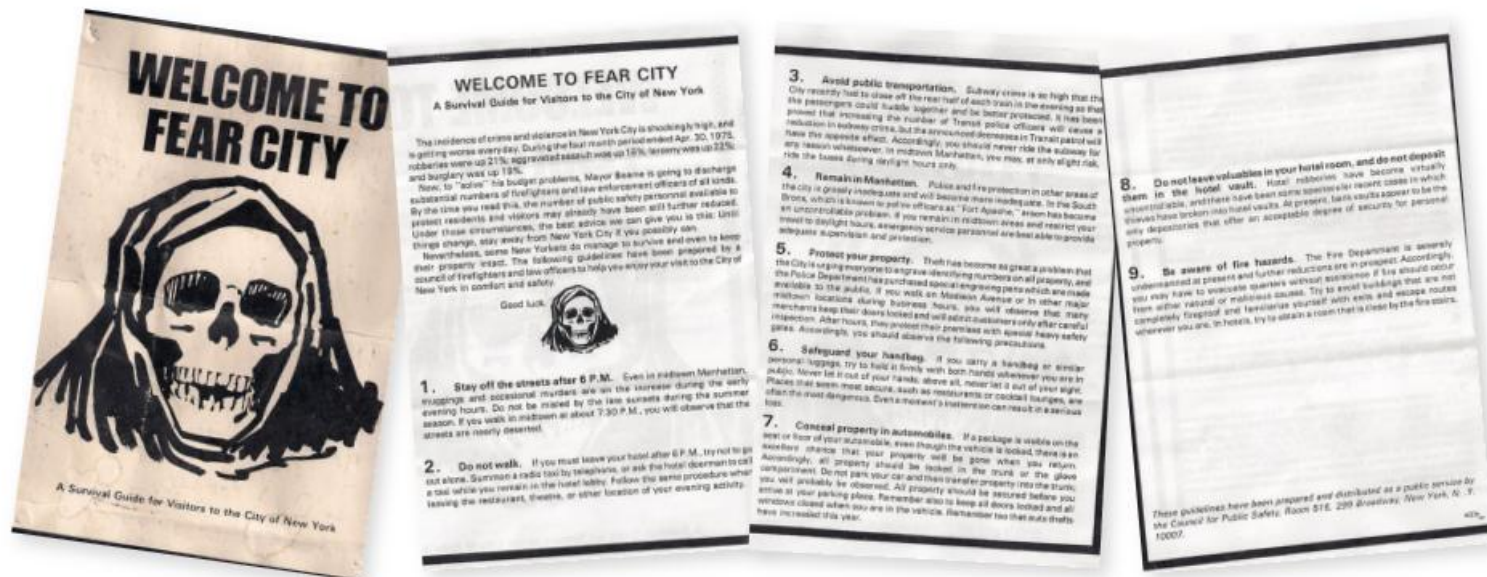




Para além das questões raciais, de gênero e de sexualidade, é necessário pontuar a crise do petróleo que colocou em recessão o estado de Nova Iorque na década de 1970. Entre 1973 e 1974, a cidade de Nova Iorque quase declarou falência, tendo de reduzir os gastos públicos em infraestrutura, limpeza e segurança.

Bairros como Harlem, Bowery e parte do Brooklyn atingiam graus altíssimos de degradação e pobreza, essas regiões eram ocupadas, majoritariamente, por pessoas não brancas. A crise financeira e o descaso governamental agravaram a pobreza, provocando o aumento da violência, dos assaltos e dos homicídios – que triplicaram entre 1970 e 1975. Nessa época, eram distribuídos nos aeroportos

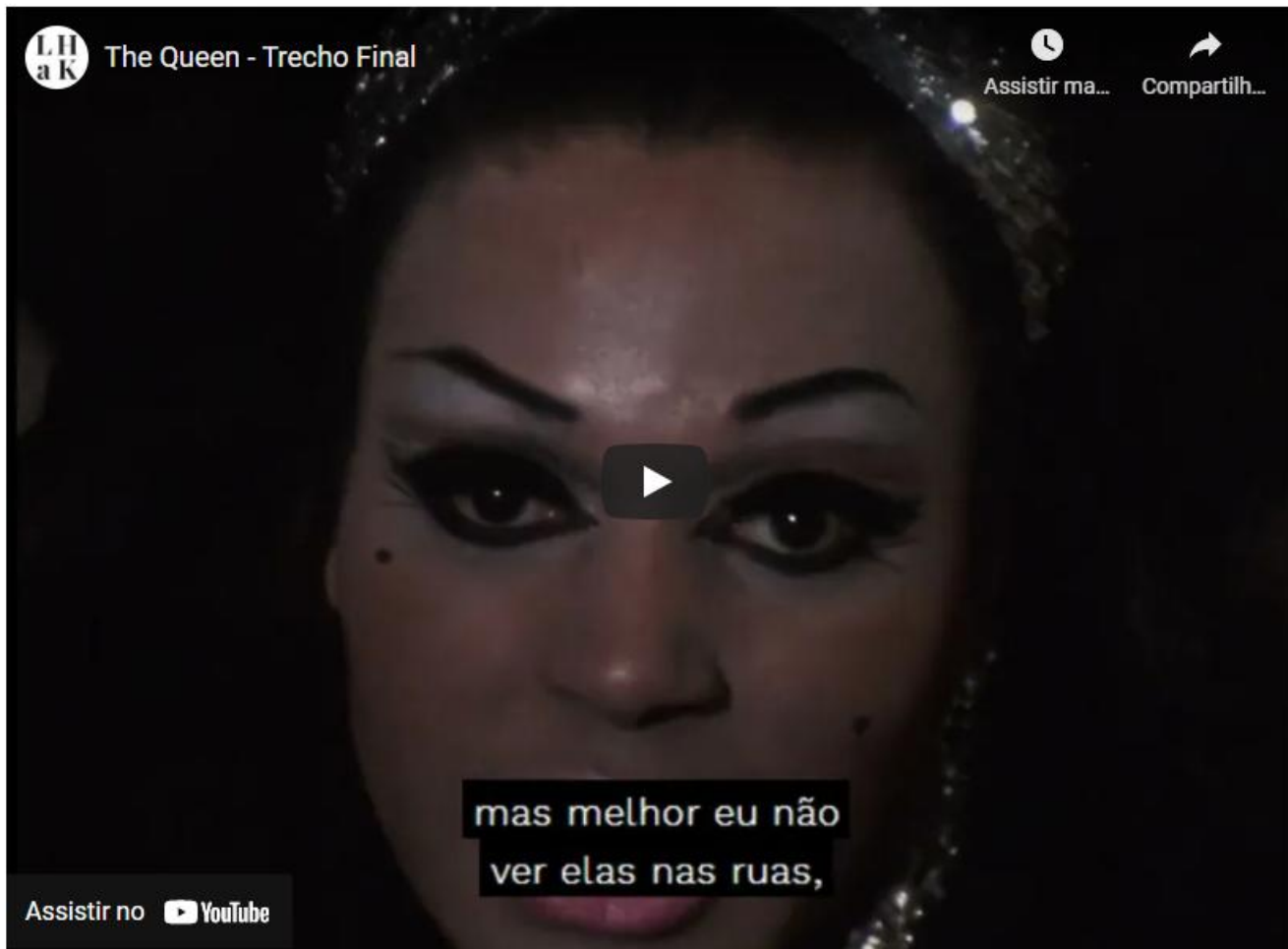
que triplicaram entre 1970 e 1975. Nessa época, eram distribuídos nos aeroportos “guias de sobrevivência” em um panfleto com uma representação da morte tendo como título “Bem-vindo à cidade do medo”.



O guia de sobrevivência de Nova Iorque. Recomendações variavam desde não sair ao anoitecer e pegar o transporte público, até não deixar itens de valor nos hotéis. Fonte: Islanders1, Flickr

▶ 0:00 / 3:41





Documentário *The Queen* (1968). Fonte: Grove Press

A partir desse momento, no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, temos o início da construção da Cultura *Ballroom* como conhecemos hoje. Entra em cena outro fator que foi muito importante para a construção dessa cultura: a revolta de Stonewall, de 1968.



Protestos de Stonewall, com cartaz ao fundo com dizeres "Stonewall significa reagir! Ruína à opressão aos gays! Jovens delegados gays contra a guerra e o fascismo" em tradução livre. Fonte: Leonard Finks/CBS NEWS

Stonewall foi uma revolta liderada por pessoas de negras e latinas, principalmente trans e travestis. Esses grupos sofriam há anos com a repressão da segurança pública, mas somente quando a força policial atinge lugares de presença gay majoritariamente branca, é que os protestos tomam força e reconhecimento pela mídia.

Carsten Balzer (196?), em seu artigo *The Great Drag Queen Hype* (A grande onda *drag queen*), elenca as manifestações de Stonewall como um grande estopim do fim dos anos 1960 e início da década subsequente, o autor diz que "os protestos de Stonewall, que aconteceram no contexto de movimentos de direitos civis no fim dos anos 1960 em Nova Iorque, resultaram em duas grandes mudanças. A primeira permitiu que um público mais amplo tomasse ciência da situação que homossexuais e *drag queens* eram forçados a viver. Segundamente, mudou a autopercepção de dentro da subcultura: de se sentirem culpados e apologeticos, para sentimentos de auto aceitação e orgulho."



Protestos de Stonewall, Marsha P. Johnson, a esquerda, com Sylvia Rivera. Reprodução: Netflix

Os protestos de Stonewall se tornaram um marco na conquista de direitos para

Os protestos de Stonewall se tornaram um marco na conquista de direitos para a comunidade LGBTQIA+ nos Estados Unidos e no mundo. Para a época, contribuiu para dar visibilidade e contribuir para maior aceitação e popularização social de *drag queens* e de transexuais como vemos hoje. Nessa conjuntura, como explica Henrique Cintra Santos, doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “os homossexuais latinos e negros da periferia de Nova Iorque acabam deixando esses bailes (de brancos) e se voltam para as suas periferias, onde constroem os bailes direcionados ao seu grupo, que é onde entra mais diversidade, pessoas trans e tudo mais”.

Os bailes iniciaram como desfiles de moda e beleza, por conta disso, grande parte das *houses* carregam o nome de marcas de alta costura, como *House of Balmain*, *House of Gucci*, *House of Balenciaga* e *House of St. Laurent* mas também podem ser nomeadas a partir de lemas ou símbolos aos quais a casa gostaria de ser associada. A influência dos nomes de alta costura se dá, principalmente, por conta da revista *Vogue*, onde essas populações marginalizadas viam ali todo o glamour que lhes era negado.

Ocorre também nessa época o rompimento de pessoas negras e latinas com os desfiles de beleza tradicionalmente brancos. Participantes negras dificilmente teriam uma chance de vencer os concursos de beleza tradicionais, precisavam





Crystal LaBeija, Miss Manhattan, no concurso de Beleza *Miss All-America Camp* em 1967. Fonte: Grove Press

embranquecer suas faces com maquiagem, prática conhecida como *passing* (ou passabilidade), e ainda sim quem levava o prêmio seria uma *drag queen* branca. Crystal LaBeija rompe com o sistema desses concursos, vemos toda a opressão dos concursos em seu discurso no fim do documentário *The Queen* (1968), após perder para uma participante branca, considerada por Crystal como menos qualificada.

Por conta dessa diáspora, em 1972, Lottie decide criar seu próprio baile e convida Crystal LaBeija, já conhecida por ser um ícone nos desfiles de beleza e ter sua presença em um baile era garantia de sucesso. Crystal aceita participar, mas com a condição de criar um grupo chamado *House of LaBeija*, tendo Crystal como sua líder, a sua *mother*. O evento foi nomeado como “Crystal & Lottie LaBeija apresentam o primeiro baile da *House of LaBeija*”.

Nos anos 1970 e 1980 várias pessoas da comunidade LGBTQIA+ eram expulsas ou fugiam de suas casas. Pessoas já marginalizadas viram durante a década de 1980 seus amigos e companheiros falecerem por conta da epidemia do vírus da Aids – na época chamada de peste/câncer gay –, aumentando o estigma em torno da comunidade.

Nesse cenário, de morte e de exclusão, coube às *houses* trazer para dentro do grupo a população que se encontrava em situação de rua, deixando de servir





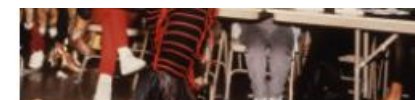
Desfile em um baile.
Créditos: Shutterstock

Nesse cenário, de morte e de exclusão, coube às *houses* trazer para dentro do grupo a população que se encontrava em situação de rua, deixando de servir apenas para representação em desfiles dos bailes para, então, tornarem-se lares, transformando-se em espaços proteção, status e amor, como explica o escritor Arnaldo Cruz-Malavé, no livro de sua autoria, *Queer Latino Testimonio, Keith Haring, and Juanito Xtravaganza: hard tails*.

Mesmo com o passar dos anos, a busca de espaços seguros e de acolhimento ainda são os propósitos de uma *house*, "Essa é a intenção de uma casa, o acolhimento e o conforto, o conforto não é nem o conforto monetário, conforto interno mesmo, o que a maioria das pessoas que vivem à margem da sociedade procuram, é mais esse conforto interno. Trazer essa segurança para maioria, é complicado, mas muito prazeroso", conta Izhy Feiticeira.

"Pela carência familiar, a nossa família LGBTQIA+ acaba se tornando uma família para a gente, a gente acaba se apegando nessas pessoas, então acredito que depois que eu comecei a ter um maior contato com as 'manas' da *house*, de um tempo para cá, acho que minha amizade acabou se tornando um pouco mais íntima com elas", conta Manu Feiticeira.

O escritor Marlon M. Bailey, autor de *Butch Queens up in Pumps* (2013), aponta as *houses* como uma parte essencial da Cultura *Ballroom*. Essas estruturas



Desfile de moda em um baile de Nova Iorque, cena retirada do documentário *Paris is Burning*.
Fonte: Everett Collection

familiares não se baseiam biologicamente, mas sim socialmente. São “famílias alternativas” comandadas por uma *mother* (mãe) e um *father* (pai), que guiam e aconselham seus “filhos”. Bailey ressalta que uma *house* “não significa um prédio real; mas sim representa os modos pelos quais seus membros, os quais em sua maioria vivem em localidades variadas, se enxergam e interagem uns com os outros como uma unidade familiar”.

A *house* é um “espaço” de compartilhamento de experiências e vivências, evoluindo individualmente e coletivamente, afinal “fazer parte da *house* vai para além da minha realidade. [Nela] alcanço um lugar de fala muito maior do que eu sozinho com minha própria caminhada. Eu integro algo que é muito maior, para mim isso é muito importante”, pontua All Feiticeira. “Ali a gente não tem só um espaço de troca, de dança, de aprendizado, tem local de fala, espaço de vivência, é uma rede de apoio, a gente entende o porquê aquele conjunto está ali reunido, porque a gente tem esse espaço e como utilizar ele da melhor forma, não só através da dança, mas através do diálogo, dessa troca, de apoiar outra pessoa que está ali às vezes pelo mesmo motivo que você. Por ter na bagagem uma vivência que vai agregar para o conjunto e isso é muito importante. Eu me sinto muito grato e honrado de estar fazendo parte”, complementa.

Para Marlon Bailey, a cultura Ballroom se baseia em três conceitos intrínsecos:

1. O sistema de gênero:

Para Marlon Bailey, a cultura Ballroom se baseia em três conceitos intrínsecos:

1. O sistema de gênero;
2. A estrutura de parentesco – as *houses*; e
3. Os eventos de competição – os *balls* –, em que uma série de performances ritualizadas são realizadas.

Para além dos papéis de *mother* e *father*, são atribuídos os títulos de *princess* (princesa) e *prince* (príncipe), que podem se tornar substitutos na ausência de um dos líderes da *house*.

Os eventos promovidos por negros e latinos da comunidade LGBTQIA+ poderiam cair no esquecimento devido às fortes pressões sociais da época. Mas dentro dos *balls* surgiu uma categoria que veio a se tornar icônica: o *vogue*. O *vogue* é um estilo de dança que se desenvolveu dentro da Cultura *Ballroom* e possui uma característica marcante em seus movimentos corpóreos: uma expressividade “bidimensional, pensado para a câmera. Isso é um prato cheio para quem vai dançar em palco, para quem vai dançar em videoclipe”, explica o profissional de dança, Edson Vogue. A cultura ganha notoriedade por conta do *voguing* e, portanto, fez com que o mundo conhecesse esse estilo de dança – principalmente depois do lançamento do clipe da música Vogue da cantora

principalmente depois do lançamento do clipe da música Vogue da cantora Madonna em março de 1990.

Utilize a barra de rolagem para navegar pela linha do tempo

Fatos da história dos EUA e de Nova Iorque que se relacionam com gênero, sexualidade e raça

- Acontecimentos relacionados a questões raciais
- Acontecimentos relacionados a questões de gênero e sexualidade
- Acontecimentos relacionados a questões económicas

1526

Início da escravidão nos Estados Unidos Colônia

1600

Leis de combate a sodomia eram presentes em todo os Estados Unidos Colônia

Utilize a barra de rolagem para navegar pela linha do tempo

Fatos da história dos EUA e de Nova Iorque que se relacionam com gênero, sexualidade e raça

- Acontecimentos relacionados a questões raciais
- Acontecimentos relacionados a questões de gênero e sexualidade
- Acontecimentos relacionados a questões económicas

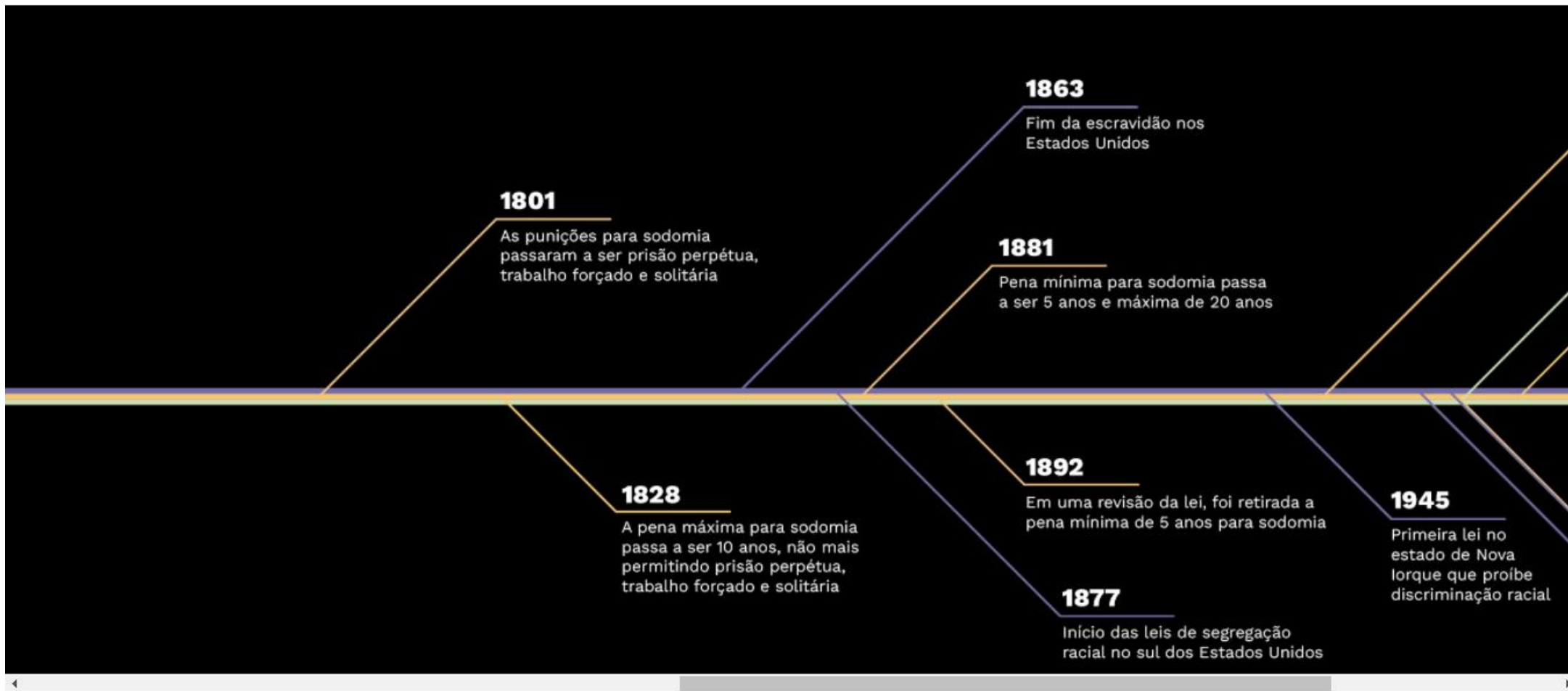
1526

Início da escravidão nos Estados Unidos Colônia

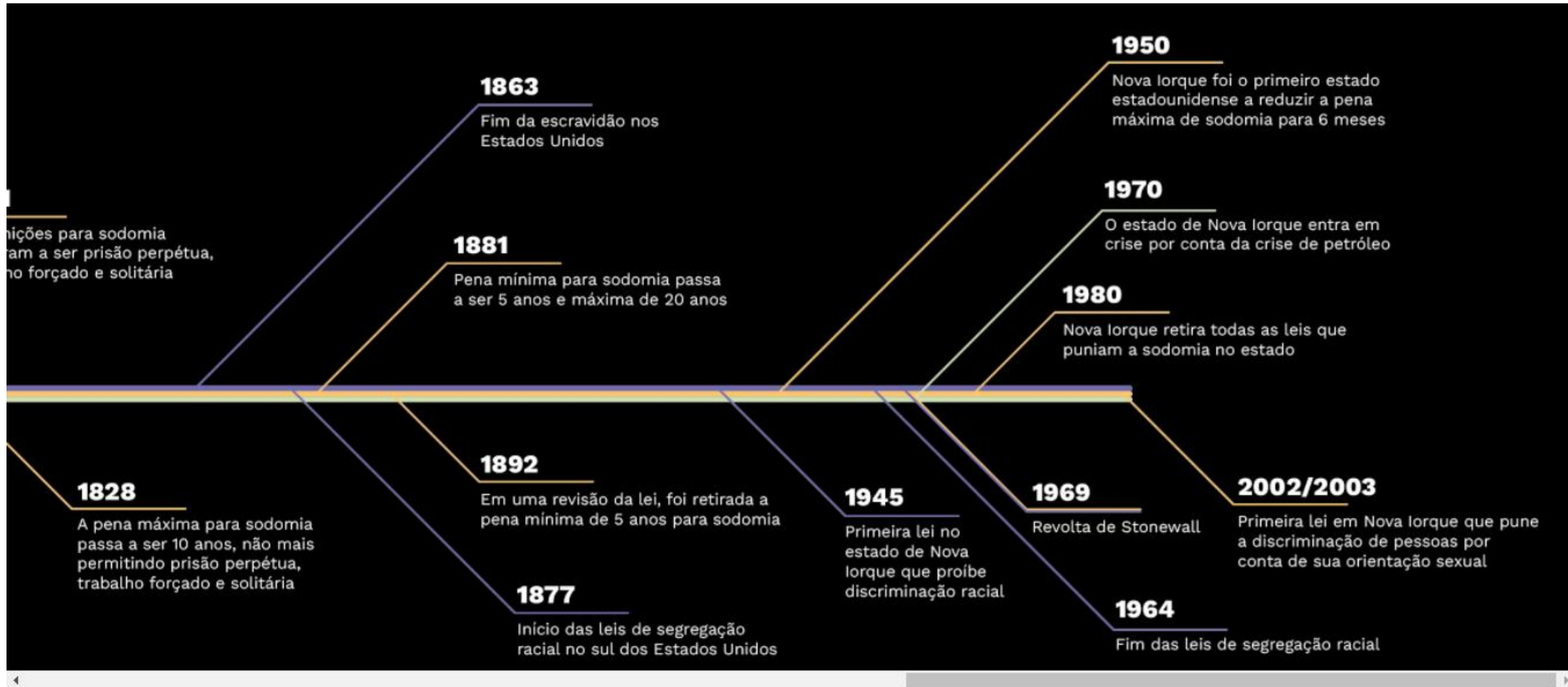
1600

Leis de combate a sodomia eram presentes em todo os Estados Unidos Colônia

Utilize a barra de rolagem para navegar pela linha do tempo



Utilize a barra de rolagem para navegar pela linha do tempo



Os Bailes, *The Balls*

“O ball é nosso Oscar, é tudo.” – Deca Sorceress.

Os *balls*, como são preferencialmente chamados por seus participantes, são eventos de desfiles organizados pelas *houses*. Até o fim dos anos 1960, esses desfiles contavam somente com participantes *drag queens*, vestindo-se com miçangas, penas e lantejoulas, no estilo das garotas de Las Vegas – cidade no deserto do estado de Nevada nos EUA. A partir dessa época, as *drag* passaram a acompanhar o estilo das celebridades que estavam sob os holofotes, retratadas nas capas de revistas e jornais. Havia uma reprodução do padrão de mulher cis, branca, heterossexual, magra e, comumente, loira.

Entretanto, não eram todos os corpos que conseguiam reproduzir esse biotipo de feminilidade, provocando uma não identificação nesses desfiles. A partir desse fenômeno os *balls* passaram a criar categorias para que todos tivessem a oportunidade de participar. É, a partir desse acréscimo de possibilidades de performances, que a Cultura *Ballroom* mudou e ganhou mais envolvimento, incluindo diferentes tipos de corpos, com pessoas fora dos padrões sociais de beleza. Dessa forma, todos aqueles que participavam de um *ball* eventualmente acabariam desfilando em uma categoria.

Como é possível observar no documentário *Paris is Burning*, o *ball* é o universo em que tudo o que você quiser ser, você será. “É o espaço onde você tem a oportunidade de mostrar sua arrogância, sedução, beleza e sagacidade. É o momento em que você pode se tornar qualquer coisa e fazer qualquer coisa aqui e agora, sem ser questionado”.

Para Izhy Feiticeira, os *balls* são uma forma de empoderamento e confiança, porque “toda minha infância me senti desacreditado comigo, até hoje não acredito nesse potencial que as pessoas falam. Mas enquanto eu tô caminhando no *ball* que as pessoas estão me olhando, elas estão olhando para uma pessoa que eu queria ser”, pontua. Ele acrescenta que “é muito estranho falar isso, mas parece que através dos olhos delas eu consigo enxergar o Izhy que eu sempre quis ser. Eu consigo enxergar o Izhy que eu enxergo daqui uns anos, é muito satisfatório”.





Everton andando na categoria *Runway*, com tema "Frio do Sul" no *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



Diogo andando na homenagem de reconhecimento à LSS* no *ball Floripa is Burning*. Florianópolis,



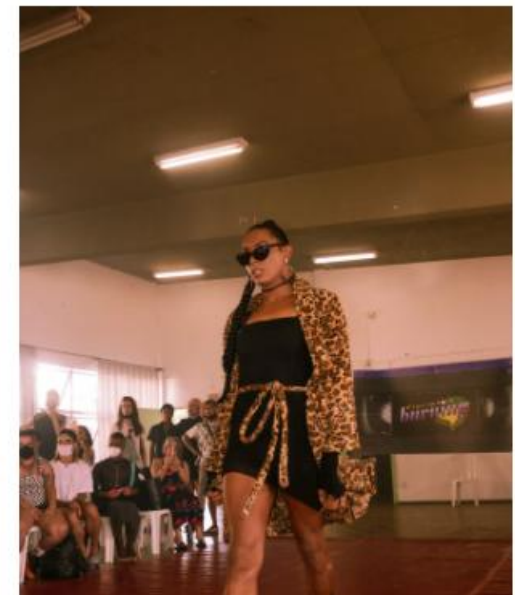
Diogo andando na homenagem de reconhecimento à LSS* no ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



Homenagem em reconhecimento à LSS* no ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Da esquerda para direita, Deca, Izhy, Maritza e Will. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



Maritza andando na categoria *Runway*, com tema "Frio do Sul" no ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



Homenagem em reconhecimento à LSS* no *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Da esquerda para direita, Deca, Izhy, Maritza e Will. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



All andando na categoria *Runway*, com tema "Frio do Sul" no *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



Luiza andando na categoria *Runway*, com tema "Frio do Sul" no *ball Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



Zara andando na homenagem de reconhecimento à LSS* no ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

Sac na ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)



Casa das Feiticeiras competindo na categoria *Face* no ball *Floripa is Burning*. Florianópolis, novembro de 2021. Da esquerda para direita, Ednei (jurado), Deca, Luiza e Ever. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

*LSS: Sigla para *Leaends*, *Statements* e *Stars*, títulos concedidos àqueles que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento das cenas *Kiki*.

*LSS: Sigla para *Legends*, *Statements* e *Stars*, títulos concedidos aqueles que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento das cenas *Kiki*.

Por conta das questões do racismo e da LGBTfobia nos Estados Unidos, as oportunidades de crescimento e reconhecimento profissional para esses grupos ficavam limitadas, dificilmente atingindo o sucesso que as pessoas heterossexuais, cis e brancas alcançavam. A *drag queen*, Dorian Corey, diz que “Em um *ball* você pode ser o que quiser. Você não é um executivo, mas você está se parecendo com um. Portanto, você está mostrando ao mundo branco heterossexual que você pode ser um executivo. Se eu tivesse a oportunidade eu seria um, porque eu consigo me parecer com um”.

O desejo de alcançar a grandiosidade por meio de um *ball* ainda é algo palpável para Zara Feiticeira. Segundo ela, “desfilas no *runway* é uma coisa que contempla bastante várias gatas. É como se você soubesse o que é a passarela, mas você não tem acesso a ela. Você não precisa passar por toda a parte de agenciamento, ali você tem de uma forma prática, direta, sincera de desfilas e sentir um pouco desse *glamour* que muita gente almeja”.

Podemos destacar a organização da Cultura *Ballroom* no que diz respeito a competições e categorias. Com o objetivo de manter a competição justa, as categorias podem ser divididas de acordo com o gênero, a sexualidade, o tipo de

corpo e o *status* que a pessoa tem dentro da comunidade.



Ball "Floripa is Burning", categoria *Runway* com tema "Frio do Sul". Fonte: Fernando Flesch e Vinicius Grippa

Andar em uma categoria é competir por ela, defendendo o seu legado e a sua *house* através de seu talento contra os outros participantes. Durante a competição, sempre há um *chanter*(cantor) que fará rimas, batidas e histrionismos para criar uma ambientação de “batalha”. A performance na categoria é avaliada por juízes, que atribuem nota dez ou *chop* (corte). As notas 10 são as que garantem a vaga na próxima fase, já o *chop*, elimina o(a) candidato(a). Assim, segue-se para as competições em duplas, onde um(a) candidato(a) elimina o(a) outro(a), até que sobre somente um(a), que será consagrado(a) o(a) vencedor(a) da categoria.

Aos que performam e vencem em uma categoria é entregue um troféu. Com o passar dos anos, quantias em dinheiro também foram incorporadas aos prêmios, fortalecendo cada vez mais a popularidade da cena *ballroom*.

A divisão por gênero é feita em:

- *Open to All (OTA)*:

A categoria é aberta para todos os tipos de gênero e sexualidade.

- *Male Figure*:

Abrange todos os tipos de expressão masculina, dividindo-se em:

- *Butch Queen*:

- *Male Figure:*

Abrange todos os tipos de expressão masculina, dividindo-se em:

- *Butch Queen:*

Homens cisgênero, pertencente à comunidade LGBTQIA+;

- *Butches:*

Mulheres cisgênero que possuem traços masculinos, pertencente à comunidade LGBTQIA+;

- *Transmen:*

Homem transexual (no Brasil, temos a categoria *boyceta*);

- *Female Figure:*

Abrange todos os tipos de expressão feminina, dividindo-se em:

- *Femme Queens:*

Mulheres transexuais;

- *Woman:*

Mulheres cisgênero;

- *Butch Queen up in Drag:*

Representantes do tipo *butch queen* performando enquanto *drag queens*;

- *Não conformidade de gênero / Não binário*

A divisão por status se divide em:

- *Open to All (OTA):*

A categoria é aberta para todos aqueles que desejam andar na categoria;

- *Virgin:*

A categoria está aberta para quem está andando na categoria pela primeira vez;

- *Baby:*

A categoria está aberta para aqueles que estão andando na categoria por menos de um ano (*Virgin* e *Baby* vêm sendo fundidos em uma só categoria, o *Baby Vogue*);

- *Beginner:*

Categoria aberta para os que estão andando na categoria por menos de dois anos;

- *Legendary:*

Categoria aberta apenas para *legends* (lendas);

- *Iconic:*

Categoria aberta apenas para *icons* (ícones);

Os diferentes títulos e *status* levam em consideração o tempo e contribuição

Os diferentes títulos e *status* levam em consideração o tempo e contribuição desses indivíduos para a cena dentro da Cultura *Ballroom*. Seus participantes são agraciados com essas nomenclaturas através de suas conquistas nas categorias, de seu talento e também de sua influência na comunidade. Elas se dividem em:

- *Star:*

Para as pessoas iniciantes na cena e em sua categoria, tendo competido por no máximo dois anos, está descobrindo seus talentos. Para garantir esse título, é necessário ter recebido um grande prêmio durante esse período, tendo chegado à final de uma categoria ou ter deixado uma boa impressão entre os jurados, criando comentários duradouros dentro da cena;

- *Statement:*

Destinado a pessoas que contam com a admiração por seus talentos, tendo andado em uma categoria entre três a cinco anos, ganhando diversos prêmios. Pode ter recebido prêmios por sua contribuição para a cena *ballroom*, por criar momentos marcantes com suas participações, recebendo, assim, reconhecimento e respeito. A partir desse reconhecimento há a possibilidade de se tornar um jurado de bailes menores.

- *Legend:*

Pessoa que domina sua categoria, andando e participando da Cultura *Ballroom*

Pessoa que domina sua categoria, andando e participando da Cultura *Ballroom* de cinco a 20 anos, recebendo diversos prêmios em várias regiões, sendo identificada como líder dentro da comunidade. Há o reconhecimento por conquistar vários prêmios, pela contribuição para a cena e da criação de momentos icônicos dentro da sua categoria. É o momento que surge a possibilidade de se tornar *mother* ou *father* de uma *house* e/ou de ser jurado de grandes bailes. Seu legado é utilizado como inspiração pelos outros e para reunir e atrair pessoas para a *house*. Ainda anda nas categorias, conseguindo mais facilmente chegar até a final ou receber o prêmio principal.

• *Icon:*

Personalidades envolvidas com a Cultura *Ballroom* por 20 anos ou mais, sendo que seu objetivo não envolve mais o crescimento de sua *house*, e sim a busca pelo desenvolvimento e manutenção da cultura como um todo. É detentora de inúmeros troféus, não é mais obrigada a andar nas categorias. Por conta do legado que possui dentro da comunidade e por seu esforço, recebe o devido reconhecimento. Nesse nível de *status* a pessoa tornou-se uma figura representativa na cena, por conta dos momentos marcantes que criou ao longo dos anos.

As categorias variam de acordo com a região, podendo ser relacionadas a performance, ao corpo, ao rosto e à moda. No início eram presentes as categorias de *Drag Queen* e a categoria *realness*, buscando participantes que

categorias de *Drag Queen* e a categoria *realness*, buscando participantes que sejam capazes de se misturar com o mundo real, sem ser notado como gay ou transexual, se passando como uma pessoa heterossexual cisgênero. As categorias dançantes aparecem pouco tempo depois, a categoria *realness* é ainda a mais presente nas *balls*.

Se faziam presentes também as categorias de *body* (corpo) e *face* (rosto), onde o competidor precisa realçar seus melhores atributos, convencendo os juízes, mostrando confiança e autoestima.

As principais categorias dos *balls* nos Estados Unidos da América se dividem em:

- *Performance:*

- *Vogue Old Way*
- *Vogue New Way*
- *Vogue Femme*
- *Realness with a Twist (Realidade com uma reviravolta)*
- *Hands Performance (Performance de mãos)*
- *Arms Control (Controle de braços)*
- *Chanter vs. Chanter (Comentarista vs. Comentarista)*
- *Production as a House (Produção como casa)*

◦ *Shake That Ass (Balance essa bunca)*

- *Fashion:*

◦ *Runway (Roupa de passarela)*

◦ *Mais bem vestido*

◦ *Bizarro*

◦ *Urban Streetwear (Moda de rua)*

- *Gênero e Corpo:*

◦ *Realness (Realidade)*

◦ *Face (Rosto)*

◦ *Body (Corpo)*

◦ *Sex Siren (Modelo pin-up)*

Segura Essa Pose Pra Mim

*“O vogue performa a vida, celebra a vida de cada pessoa.” – Deca
Feiticeira.*

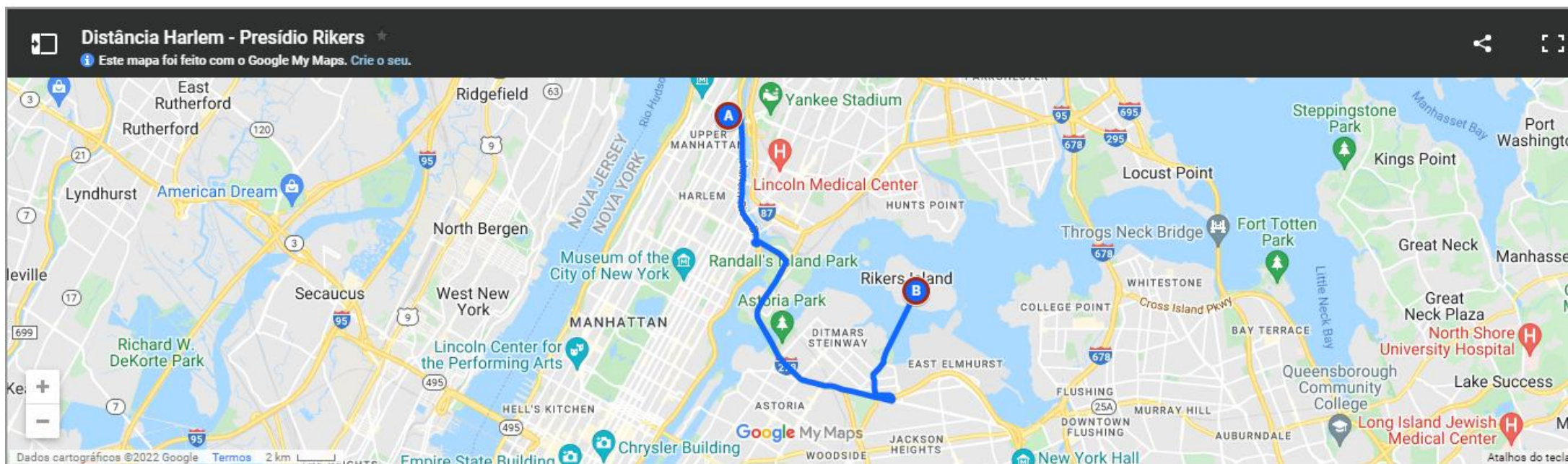
O Vogue, ou estilo de dança *voguing*, nasce com a Cultura *Ballroom*. O que torna o *voguing* tão interessante é a sua origem, que dialoga com as questões raciais e de gênero da época. Não se pode citar um momento específico na história em que ele nasce, porque surge a partir de diversas interações entre corpos de culturas diferentes.

Edson Vogue Guerreira, formado em Dança pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor de dança, explica que o primeiro embrião do que viria a ser o *Vogue* começa no início do século XX a partir de corpos negros e latinos LGBTQIA+. Até os anos 1980 sodomia era crime no Estado de Nova Iorque, as pessoas que frequentavam os bailes *queer* da época poderiam ser presas e sentenciadas a cumprir pena.

A partir deste fato temos um local importante para o desenvolvimento do *Vogue*, a colônia penitenciária *Rikers Island* (Ilha Rikers), situada em uma das ilhas da cidade de Nova Iorque. *Rickers Island* é conhecida como uma prisão de horrores da capital do estado, já que por lá, 90% da população carcerária é formada de negros e latinos.

Construída em 1932, ela é utilizada como centro temporário de detenção para aqueles que esperam julgamento ou para o cumprimento de sentenças curtas. *Rickers Island* tornou-se o destino dos negros e latinos pegos nas ruas,

mulheres trans com o objetivo de desfilarem e serem pegos nus, travestidos ou não, para cumprir as penas por sodomia.



Mapa mostra distância entre onde aconteciam os bailes e a prisão Rikers Island.

Na época as mulheres trans eram encaminhadas para o presídio masculino, sendo tratadas pelo seu nome de batismo e sendo obrigadas a cortarem seus cabelos. As pessoas abordadas pela polícia nas ruas geralmente performavam dentro dos *balls*, após o cumprimento da pena, esses indivíduos passaram a

incorporar elementos típicos dos militares em suas performances: imitando as poses e as rotinas dos agentes penitenciários, desenhando linhas imaginárias nas posturas, inserindo-as dentro das categorias.

Há uma figura central que deu o próximo passo para construir o *Vogue* como conhecemos hoje: Paris Dupree, *drag queen* e performer. Segundo o que se tem registro, Paris estava no clube *Footsteps*, onde alguns homens negros estavam “gongando” uns aos outros, ela carregava uma revista *Vogue* em sua bolsa e naquele momento decidiu imitar as poses da revista. Alguns dos homens negros que estavam presentes começaram a competir com Paris em uma batalha de poses, seguindo o ritmo e a batida da música - era o início do *voguing*.





Paris Dupree em ensaio fotográfico. Fonte: The Colours Organization

*"É isso mesmo! Eu disse isso!
Butch Queen! Homem de dia,
mulher de noite."
– Paris Dupree*





Paris Dupree, 1990. Créditos: Miramax Films

O *Vogue* recebe grandes influências das danças da época, como o *popping*, que envolvia a questão da contração muscular-; o *locking*, com seus movimentos travados -; e o *breaking*, incorporando seus giros e mergulhos. Vale ressaltar que esses três estilos são frutos da expressão de pessoas negras e latinas suburbana de Nova Iorque. Os participantes do *ballroom* fazem uma releitura desses elementos, incorporando-os ao *Vogue*.

Outra característica importante do *voguing* é a musicalidade, que segue a base da música *house*, em base de quatro e oito tempos. Para Diogo Vaz Franco, artista, a musicalidade é muito importante “você pode estar servindo poses, tendo movimentos bonitos, interessantes dentro da linguagem, mas se você não consegue dialogar com a música, com o *beat* (a batida), fazer a divisão do *beat* certinho em relação com o que você está fazendo, isso é bem prejudicial para sua performance”.

Em 1981, no primeiro baile organizado pela *House of Dupree*, temos o registro do pioneirismo do *voguing* como categoria de um *ball*, ainda com o nome *Pop, Spin and Dip* (Estouro, Giro e Mergulho, em tradução livre). Para um competidor ser

and Dip (Estouro, Giro e Mergulho, em tradução livre). Para um competidor ser bem sucedido nessa categoria, precisava ter movimentos de precisão e contração muscular, típico de revistas de moda da época, – o *Pop*; executar giros – o *Spin*; e mergulhar em direção ao chão, finalizando a performance, mas sem deixar o corpo se abater, o *Dip*.

Essa primeira vertente do *voguing*, constituída apenas com o *pop*, o *spin* e o *dip*, passou a incorporar também elementos militares, hieróglifos e as bases de artes marciais - principalmente por influência de Willi Ninja. O *Vogue* se modifica por conta dos novos corpos presentes na Cultura *Ballroom*, pois seus participantes se expressam de formas diferentes, dos "cânones" do *voguing* daquele momento. O estilo passa então a ser dividido em três categorias:

1. O estilo originário, o *Old Way* (caminho antigo)
2. O *Femme* (feminino); e
3. O *New Way* (caminho novo).

Old Way





Batalha de *Old Way* durante o ball *Floripa is Burning*, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

A vertente do *Vogue* mais antiga é também uma das mais difíceis de identificar seus elementos. Diogo, que tem como o estilo *Old Way* o seu principal estilo de dança no *voguing*, considera as poses como um dos principais elementos, assim como o próprio *pop*, *spin* e *dip*.

Esses três elementos sofreram adaptações ao serem inseridos na dança *voguing*, “o *pop* do *Vogue* é bem específico dessa linguagem, tem a ver com a precisão dos movimentos, na própria pose como um todo e servir isso com uma precisão. Você pode usar a contração muscular do *popping*, ou não, é uma opção. Não dominar a técnica de contração muscular não quer dizer que você não está servindo o *pop*”, pontua. “O *dip* é o elemento básico, ele tem suas formas tradicionais, mas é muito relacionado à finalização da frase que você cria. Então quando você está ali jogando com uma música, criando suas poses, criando suas formas, as suas linhas, geralmente você vai criando uma sequência lógica entre essas poses e finaliza. Essa finalização vem com o *dip*, pode ser das formas tradicionais ou não, mas que você dê essa característica do mergulho - como o próprio nome diz - e de finalização”. Por fim “os *spins*, como o próprio nome diz, são os giros” explica Diogo.

Will, Nínia e Archie, Burnett, foram dois dos pioneiros da dança *voguing*

Batalha de *Old Way* durante o ball *Floripa is Burning*, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

A vertente do *Vogue* mais antiga é também uma das mais difíceis de identificar seus elementos. Diogo, que tem como o estilo *Old Way* o seu principal estilo de dança no *voguing*, considera as poses como um dos principais elementos, assim como o próprio *pop*, *spin* e *dip*.

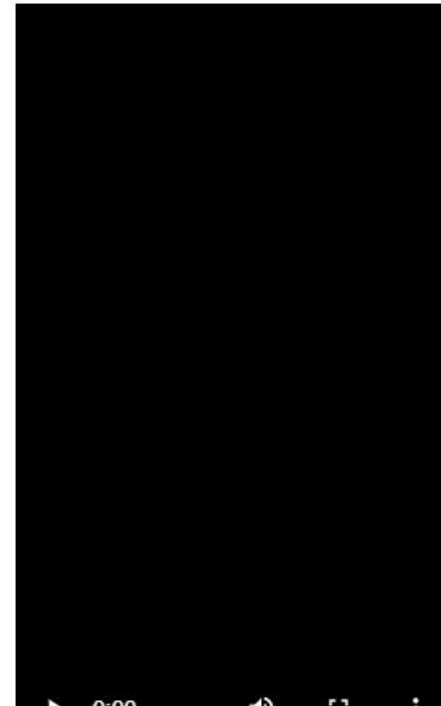
Esses três elementos sofreram adaptações ao serem inseridos na dança *voguing*, “o *pop* do *Vogue* é bem específico dessa linguagem, tem a ver com a precisão dos movimentos, na própria pose como um todo e servir isso com uma precisão. Você pode usar a contração muscular do *popping*, ou não, é uma opção. Não dominar a técnica de contração muscular não quer dizer que você não está servindo o *pop*”, pontua. “O *dip* é o elemento básico, ele tem suas formas tradicionais, mas é muito relacionado à finalização da frase que você cria. Então quando você está ali jogando com uma música, criando suas poses, criando suas formas, as suas linhas, geralmente você vai criando uma sequência lógica entre essas poses e finaliza. Essa finalização vem com o *dip*, pode ser das formas tradicionais ou não, mas que você dê essa característica do mergulho - como o próprio nome diz - e de finalização”. Por fim “os *spins*, como o próprio nome diz, são os giros” explica Diogo.

Will, Niala e Archie, Duane e Forrest, de cima para baixo, são alguns dos pioneiros da dança *voguing*.

Will Ninja e Archie Burnett foram dois dos pioneiros da dança *voguing*, inspirando-se nas poses de revista, artes marciais, balé, ginástica, hieróglifos egípcios e pantomima, suas influências deram grande característica ao estilo. No *Old Way* ainda podem ser observados outros elementos, como os *squats*, a posição agachada originada das artes marciais, semelhante às marchas presentes no *Vogue Femme* como *catwalk* (desfile) e *duckwalk* (andar agachado), mas com a referência militarizada. Há ainda o *floor performance* (performance no chão), em que suas interpretações variam de poses no chão ou agregando outros elementos.

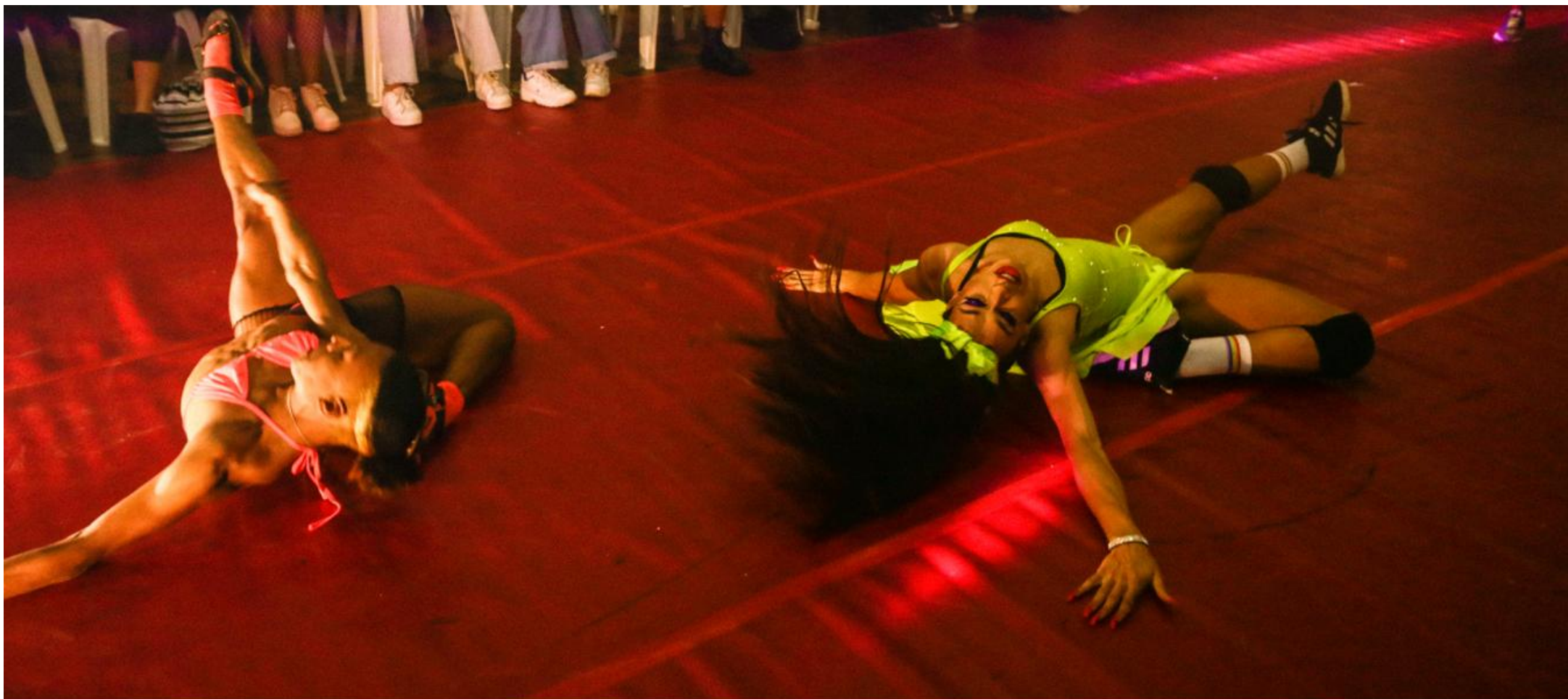


Mas para Diogo, não é necessária a presença dos elementos em sua totalidade, pois não descaracteriza essa vertente da dança “cada um que vai performar, vai trazer alguns elementos, valorizando e caracterizando a performance daquela pessoa. Tem a questão de não trabalhar determinado elemento dentro da minha performance e vai estar tudo bem, não vai desqualificar”.



Vogue Femme



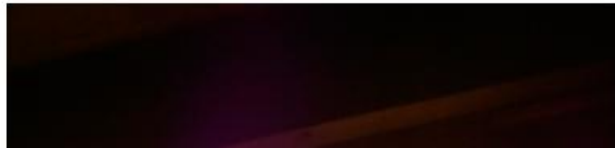
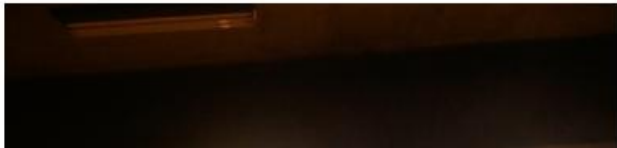
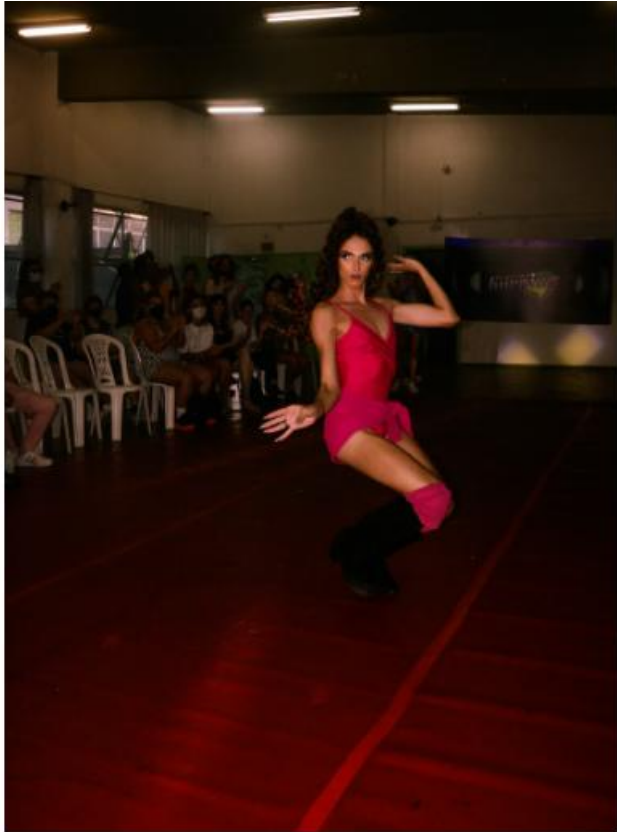


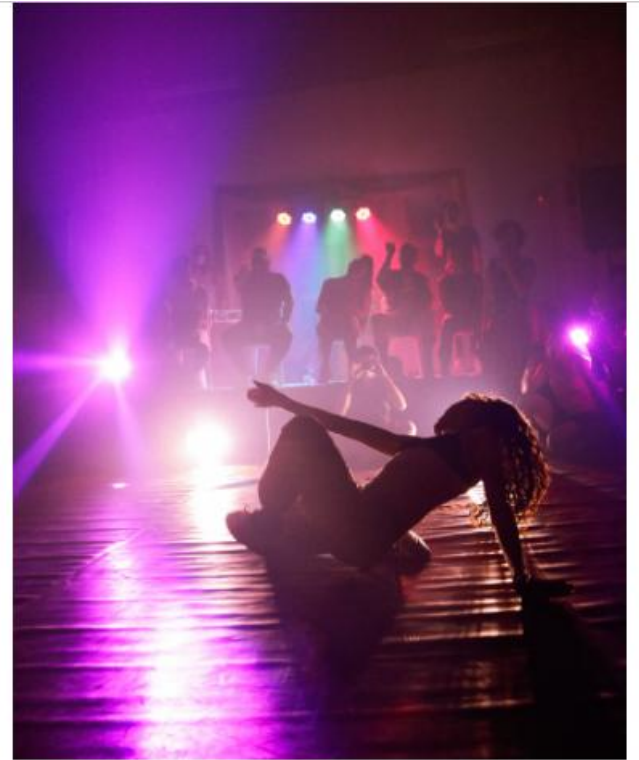
Batalha de *Vogue Femme* durante o ball *Floripa is Burning*, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

O *Vogue Femme* surge a partir de corpos trans, buscando valorizar as formas femininas, em especial as curvas dos quadris e busto. Esse estilo de *voguing*, ao contrário das outras vertentes, conta com elementos obrigatórios na performance: *catwalk*, *duckwalk*, *hands performance* (performance de mãos), *floor performance* e *spin and dip*.

1. O *catwalk*, ou literalmente traduzido como caminhada do gato, é o desfilarm das passarelas, com quadril expansivo, valorizando-o.
2. *Duckwalk*, ou caminhada de pato, é o caminhar estando agachado, usando de “chutes” como impulsos.
3. *Hands performance*, performance de mãos, é o controle das mãos, onde se cria uma história, ou utiliza-se de movimentos circulares que, por vezes, criam uma ilusão visual.
4. *Floor performance*, performance no chão, como o próprio nome diz, é o elemento que se trabalha a dança no chão, utilizando também de formas circulares e do controle de corpo.
5. Finalizando, temos *Spin and Dip*, giro e mergulho, que é o elemento mais utilizado para finalizar uma performance e sua versão clássica está na imagem de abertura dessa seção.







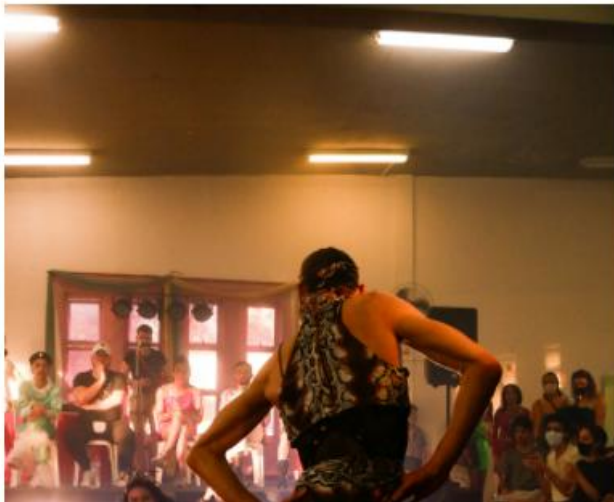


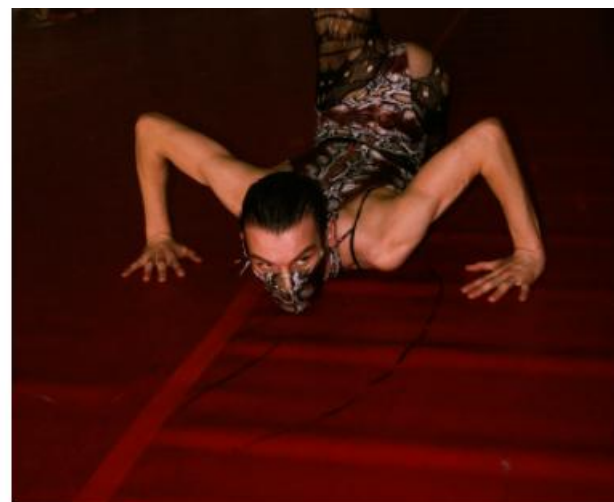
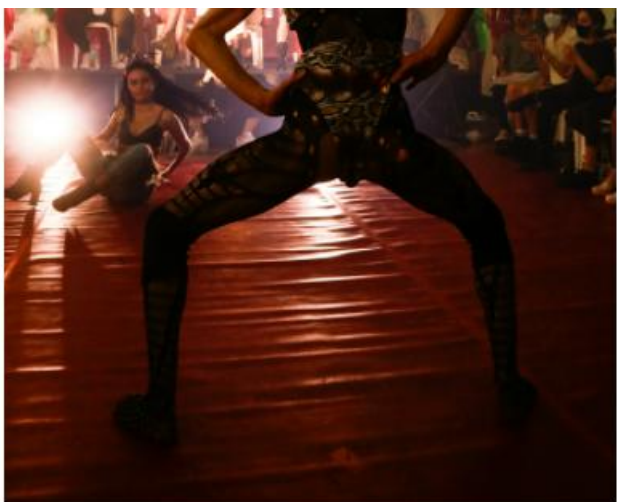
Batalha de *Vogue Femme* durante o ball *Floripa is Burning*, novembro de 2021. Fonte: Matheus Trindade (@trindadead)

O *Vogue Femme* pode ser dançado de duas formas diferentes. Pode ser no que se classifica como *dramatic*, uma dança mais veloz, combativa e acrobática; ou *soft*, com movimentos mais contidos, dando um ritmo mais suave, explorando mais a elegância.

Para Iara Makayla da Silva Sabino, o *Vogue Femme* é estilo de dança criado por e para mulheres pretas e latinas, um fator responsável como grande identificação dessas mulheres com essa dança “Foi algo que me identifiquei muito bem, inclusive foi o que ajudou a me encontrar como mulher, como preta, foi onde eu tive o real começo da minha transição assim que eu conheci a Cultura *Ballroom* e o *Vogue Femme*” pontua.

New Way





Batalha de New Way durante o *ball Floripa is Burning*, novembro de 2021. Créditos: Matheus Trindade (@trindadead)

A vertente *New Way* surge a partir de 1990, os *voguers* mais jovens, que queriam se distinguir dos mais antigos, criando as classificações *old* e *new*. No novo caminho de se dançar *voguing*, a flexibilidade se tornou um dos principais elementos que os dançarinos exploravam, incluindo também contorções, *tutting* – dança urbana que envolve o controle e precisão de dedos, mãos e braços –, e o *locking*.


Esse novo estilo dialoga muito com o *Old Way*, principalmente nas linhas corporais e a reprodução das poses das revistas de moda, entretanto no *New*

Esse novo estilo dialoga muito com o *Old Way*, principalmente nas linhas corporais e a reprodução das poses das revistas de moda, entretanto no *New Way* busca-se criar formas geométricas mais complexas com o corpo, explorando a questão da flexibilidade, explica Edson Vogue.

Ballroom Mainstream

Foi o *voguing* que trouxe visibilidade para a Cultura *Ballroom*. Por conta de seus movimentos bidimensionais, se torna uma dança perfeita para videocliques e espetáculos. Madonna introduziu a dança em uma de suas músicas, intitulada *Vogue*, que traz uma performance criada por Jose e Luis Xtravaganza, fundadores da House of Xtravaganza.

Entretanto, o uso da dança teve objetivos puramente comerciais, não sendo mencionado o contexto dessa cultura, trazendo no máximo o trecho da música que traz uma possibilidade de menção à cultura: “Não faz diferença se você é branco ou negro / se você é um garoto ou uma garota”.



Videoclipe de *Vogue* por Madonna, dirigido por David Fincher do álbum *I'm Breathless* do filme *Dick Tracy*, lançado por Sire Records em 1990. Fonte: acervo Madonna, em Vevo/YouTube

Mas é inegável a importância da cantora para criar uma efervescência em torno do novo estilo de dança, como relata Edson Vogue “Conheci o *Vogue* através da Madonna. Primeiro foi com a música, tinha um [tocador de] MP3 com a discografia dela, achei aquela música incrível. Gosto muito de moda. Fui pesquisar na *Wikipedia* para saber o que era. Vi que tinha dança, mas na época era muito vaga a descrição e as gírias da comunidade eram ruins de se traduzir, mas eu sabia que Madonna não tinha criado”. Henrique Cintra Santos, doutorando em História pela UFSC, também entrou em contato com a Cultura *Ballroom* por meio do videoclipe. “Conheci por conta da Madonna, vendo o clipe de *Vogue* eu entendi que não era só uma coreografia, era algo mais”, conta.

O fato de ser uma dança atribui um respeito à essa cultura, Edson Vogue classifica a importância do *Vogue*, ao afirmar que “para essa cultura ter um estilo de dança próprio é muito importante, porque eu acho que a dança é uma das poucas artes que é respeitada”.

O *voguing* ganhou espaço comercialmente, mas “é uma das partes da Cultura *Ballroom* que é mais vendável, você pode ir para uma academia de dança e dar

uma aula de *Vogue*, por exemplo, porque ela dialoga com outras danças, outros formatos de palco”, explica Edson. Para Paula Zaidan, pioneira do *voguing* no Brasil e responsável pelo *Vogue Fever* - evento de referência nacional sobre a cultura *Ballroom* - dançar esse estilo em alguns dos eventos que participaram foi importante para ampliar o conhecimento do público geral na cena “Nos dois primeiros [eventos do] *Vogue Fever* a gente dançou. Hoje eu olho para trás e penso 'gente, não faz o menor sentido', mas na época fazia, porque era como se fosse uma estratégia para a gente chamar pessoas, comercialmente falando: - 'Olha eu vou dançar, vai me ver'. Pessoas que às vezes não conheciam a cultura, passaram a conhecer”.



Para além do seu aspecto comercial, o *Vogue* é uma performance muito importante para os corpos que aqueles que os dançam “Danço *Vogue* por sobrevivência, eu acho que é o que me ajuda a expressar o meu eu, expressar muitas coisas que, às vezes, eu não consigo falar com palavras. Eu acho que é o estilo que mais me liberta de falar. Quando eu danço *Vogue*, eu consigo falar sobre a minha história, a minha vida, minha força, minha vivência, minha luta, tudo isso em um conjunto ao mesmo tempo”, relata Makayla.

Com o *voguing*, também está presente a repressão sofrida ao longo dos anos, surgindo como uma oportunidade de se expressar livremente, para All Feiticeira, “Dançar *Vogue* é onde eu não tenho filtros, não tenho medo de preconceitos, de julgamentos, ali eu estou sendo eu mesmo e expressando tudo que eu tenho dentro de mim, que eu tenho dentro da minha vivência, da minha realidade, para os demais que estão em volta. Tudo isso ali dentro dos elementos, dentro de uma performance bem construída”.

Já para Zara Feiticeira, “Dançar *Vogue* é buscar a minha 'putisse', buscar as caras que eu faço, lamber a língua, tocar na buceta, mostrar minha bunda, 'dipar' bonito, bem cremosa... Essas questões. Eu fui muito reprimida, hoje não mais, mas parece que minha cabeça diz que ainda não sou suficiente, que preciso mostrar para o mundo que eu posso ser isso e que eu gosto de ser isso”.

A expressão é muito mencionada quanto ao *voguing*, para Deca. “A gente não costuma dizer que é uma dança de academia, tem os elementos que existem, mas não é uma dança 'redondinha' que se ensina, é uma dança de pesquisa. Tudo o que a gente pesquisa a gente vai descobrindo algo novo”. Assim como a música *Deep in Vogue*, de Malcolm McLaren em 1989, menciona “Lembro-me da primeira vez que vi / Disse ao meu irmão para me ensinar isso / Não foi fácil, não era 1, 2, 3 / Demorou muito para aprender a se sentir livre”.

Ballroom nas Terras Tupiniquins

Da mesma forma que não há uma data específica do surgimento da Cultura *Ballroom* em Nova Iorque, não podemos situar uma data exata ao falarmos do pioneirismo dessa cultura no Brasil, pois foram diversos processos que contribuíram para seu surgimento, formação e popularização no país.

Já podemos observar o início da importação dessa cultura nos anos 1990, Carsten Balzer, em uma das entrevistas de seu artigo *The Great Drag Queen Hype*, traz o relato de uma *drag queen* que em 1994 pôde observar no Rio de Janeiro que “o *voguing* já era muito popular nas baladas da época”.



Rogéria, nos anos 1960 foi a primeira travesti a ganhar visibilidade pela mídia.

Fonte: Jorge Marinho, ano desconhecido.

A presença do *Vogue* também já marcou a cena de Belo Horizonte em tempos passados, Paula Zaidan, uma das pioneiras do *voguing* no Brasil e responsável pelo *Vogue Fever*, se surpreendeu ao saber que a dança já fazia parte do cenário nacional “Uma vez a gente estava em uma festa, era uma batalha de *Vogue* aqui em Belo Horizonte, um senhor mais velho chegou aplaudindo a gente e falou 'que legal ver vocês dançando, quando eu era jovem a gente também dançava', todos ficamos de queixo caído”.

Assim como uma só andorinha não faz verão, o *Vogue* não faz a Cultura *Ballroom*. Quanto a questão do pioneirismo, o que temos acesso hoje se dá muito à facilidade de registro e difusão por conta das redes sociais, “a gente entende que é um pioneirismo de agora, dessa geração e dessa modernidade, muito vinculado às redes sociais, a facilidade de registro. Não significa que antes da gente não tivemos ninguém, esses movimentos são muito vindos da fala, a gente não tinha muito registro antes”, complementa Paula.

Em meados dos anos 2000, Fran Manson, professora de dança, começou dançando *waacking* (vertente do *locking* criado na comunidade LGBTQIA+), mas logo percebeu a semelhança dessa movimentação com o *voguing*. Quando participava de eventos com pessoas internacionais, aproveitava a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o estilo de dança *Vogue* “eu pedia para esses professores continuarem dançando o *voguing* para eu ter uma base, já que eu não conseguia sair do país na época e não tinha professores desse estilo, além do material muito escasso na internet. Assistindo pessoas dançarem e ouvindo relatos de quem teve contato com a dança que comecei a entender essa movimentação”.

Já para Fran entender a Cultura *Ballroom*, teve de esperar para essa informação chegar pela *web*, ou então por pessoas que iam para os Estados Unidos, “fui aprendendo conforme foi chegando mais informações na internet. Foi

aprendendo conforme foi chegando mais informações na internet. Foi aparecendo o que eram os *balls*, além de algumas coisas que apareceram para mim com as vivências das pessoas que vinham de fora”.

Edson Vogue, professor de dança e pioneiro da cena do Brasil, teve um processo parecido em seu contato com o *voguing* "fui até o YouTube e vi vídeos da galera dançando. Foi aí que eu comecei. Aprendendo e recriando os passos da galera que subia os vídeos". Mas nas páginas da internet os conteúdos ainda eram pouco numerosos, com o uso de muitas gírias – o que dificultava a compreensão da cultura –, completa Edson.



Vídeo mostra as diferenças entre o estilo de dança *waacking* (dançada pelo homem) e *voguing* (dançada pela mulher). *Waacking* se diferencia por seguir, majoritariamente, a batida da música disco, possui movimentos circulares e dinâmicos que envolvem as mãos e os braços, poses e grande expressividade de quem o dança.

No início era possível observar a mistura do *voguing* com o *waacking*, se considerar as múltiplas classificações que *voguing* possui. Com o passar dos anos, mais pessoas passaram a ter contato com o estilo e, assim, “o tempo foi passando e mais pessoas começaram a dançar e estudar o *Vogue*, tendo mais contato com professores de fora, entendendo que tinha uma separação de categoria e tudo mais. O primeiro *ball* que participei foi organizada pelo Felix Pimenta em São Paulo, foi onde pude ver essas diferenças entre os estilos mais nitidamente, as categorias e tudo mais, foi uma aula para todo mundo que estava ali”, explica Fran.

O caminho que Paula Zaidan percorreu foi diferente, pois teve a oportunidade de viajar para Nova Iorque em 2009, onde conheceu o *voguing* como modalidade dentro das danças urbanas. Em 2010 participou de seu primeiro *ball* e em 2015 viajou junto de suas amigas, o Trio *Lipstick*, para Nova Iorque novamente. “Estando no lugar onde tudo começou foi onde a gente realmente se aprofundou na cultura, frequentou vários *balls*, entendemos quais corpos criaram a *ballroom* e para quem criara, começamos a compreender mais nosso lugar com esse contato”, complementa Paula.

Foi em 2015 que o Trio *Lipstick* criou o *BH Vogue Fever*, um evento que busca trazer convidados internacionais da cena original para que a comunidade LGBTQIA+ brasileira possa entender a cultura *ballroom*. Esse intercâmbio cultural tem como “intenção de trazer pessoas da cena original, ou de cenas mais constituídas para construir a nossa”, explica Paula.




Arte de divulgação do primeiro *BH Vogue Fever* em 2015. Fonte: <https://www.instagram.com/triolipstick/>



Trio *Lipstick* junto do Archie Burnett, um dos pioneiros da cena *ballroom*. Fonte: <https://www.instagram.com/triolipstick/>

Arte de divulgação do primeiro *BH Vogue Fever* em 2015. Fonte:
Trio *Lipstick*, via Instagram



Trio *Lipstick* junto do Archie Burnett, um dos pioneiros da cena
ballroom nova iorquina. Fonte: Trio *Lipstick*, via Instagram

Belo Horizonte então se constitui como um dos principais polos de desenvolvimento da cena no país, como observou Henrique Cintra Santos em sua dissertação “A Transnacionalização da Cultura dos *Ballrooms*”, onde ele afirma que “no Brasil a gente não consegue colocar um marco, mas a gente pode falar que Belo Horizonte é um dos pontos principais, um processo de importação do que estava acontecendo nos Estados Unidos”.

Para Edson Vogue, o Trio *Lipstick* foi muito importante na construção do seu conhecimento acerca do *Vogue* e da *ballroom*. Ele teve a oportunidade de trocar conhecimento com as meninas que formavam o trio por meio do *Facebook* e na edição de 2016 do *Vogue Fever Recife* “elas trouxeram a parte teórica, a parte prática, então a gente teve contato com a técnica dos Estados Unidos, contando a história do *Vogue* e dessa cultura, eu estava com um caderno anotando tudo”.

A Cultura *Ballroom* se difundiu mundialmente. Por isso, para diferenciar as *houses* originárias das *houses* em outros locais foram criados dois termos: *Mainstream* e *Kiki*. *Mainstream* referencia as *houses* originárias dos anos 1970 nos Estados Unidos, podendo ter filiais em outros países ao redor do mundo. Já

as *Kiki Houses*, representam as *houses* que foram criadas em outros países, em um contexto regional.

Henrique Cintra explica que mesmo sendo uma cultura marginalizada, ainda há essa dominação entre o norte global e o sul global, que origina o nome *Kiki*: “Esse *Kiki* tem até esse som de *kick* (chutar), como se fosse algo do tipo ‘olha, é aquela ali’”.

Com as mudanças da cena nos tempos contemporâneos, através dos processos de transnacionalização, o surgimento da comunidade *Ballroom* é muito relevante no cenário nacional. Com o objetivo de criar espaços seguros para a comunidade LGBTQIA+, “essa cultura para o Brasil é extremamente importante e relevante, não só na performance, na cultura, mas a questão de sobrevivência. A gente é o país mais LGBTfóbico do ocidente. É o país que mais mata pessoas trans no mundo e no momento político que a gente tá, temos autoridades fomentando esse tipo de discurso LGBTfóbico. Em uma cidade violenta, ter um espaço como a *Ballroom* é extremamente potente e importante”, explica Henrique.

A criação desses espaços é bastante significativo, como observou Paula em uma das suas vivências, já que “estando com essa comunidade, a gente entendeu o quão maravilhoso era poder se expressar, poder ficar sem a parte de cima da blusa com os peitos de fora. As pessoas estão livres se negando ou não

blusa com os peitos de fora. As pessoas estão livres, se pegando, ou não também, só assistindo. Esse ambiente proporcionou essa segurança e essa libertação, casou muito com o que a gente foi entendendo aos poucos da *Ballroom*”.

Além dos fatores que envolvem a criação de um espaço seguro para essas pessoas, algumas características da cultura acabam se modificando para adaptarem-se ao cenário nacional. Por exemplo a categoria *Realness*: “quando a cena começou a se desenvolver aqui, já no início a categoria *realness* não fazia sentido para as pessoas que estavam ali se apropriando dessa comunidade. Quando aparece essa categoria nos *balls*, geralmente é um *realness* diferente: Deus é Mulher *Realness*. A gente usa um conceito qualquer, mais pensando no artístico, que seja real, incrível, do que seguir o conceito original”.



Assim como o sushi e a pizza, o *Vogue* também sofreu o processo de abasileiramento. Quase antropofagicamente, elementos e bases de danças nacionais acabaram sendo incorporados a esse estilo de dança, ganhando uma cara bem brasileira.

Puma Camillê, capoeirista, conta das semelhanças entre os processos que envolveram ele, capoeira e o *voguing*. “Eu não costumo dizer que eu comecei a capoeira, capoeira é acesso. Eu e a capoeira nos reconectamos quando eu tinha 7 anos de idade. Foi a primeira vez que vi, nessa existência, a capoeira de frente e quando eu vi parecia que aquilo estava dentro de mim há muito tempo”. Por mais que houvesse a conexão com a capoeira, temas que envolviam gênero e sexualidade não eram bem vistos por conta das questões históricas que envolvem a modalidade, “na capoeira a feminilidade é muito reprimida, a capoeira reproduz uma masculinidade triplicada. Quando eu conheci o *Vogue* aquilo me tocava e eu pensava ‘é isso o que o meu corpo precisa’. Eu precisava aprender a expressar minha habilidade corporal que a capoeira tinha me dado, mas com um lugar que foi muito reprimido desde muito cedo”.



mas com um lugar que foi muito reprimido desde muito cedo”.



Puma Camillê explorando o seu ser a partir da capoeira e do *Vogue*. Fonte: Arquivo pessoal (@pumacamille)

Já Edson Vogue atribuiu um estilo de dança muito comum em seu estado: o frevo, e a partir dele criou o *frevogue*. “Comecei a perceber a convergência das bases nas duas danças, das suas fluências, do tipo de corpo. Eu percebi que o frevo e o *Vogue* são danças que nascem em um contexto e acabam sendo influenciados pelo seu ambiente muito rápido. É a conjuntura do século XX, o frevo se relaciona com a dança russa, por exemplo, e o *Vogue* se relaciona com a cultura japonesa. Mesmo com as diferenças na musicalidade das duas danças, você consegue ver um corpo que está dialogando”.



Edson Vogue Guerreira dançando *frevogue*. Recife, 2019. Fonte: Arthur Diniz



Edson Vogue Guerreira dançando *frevogue*. Recife, 2019. Fonte: Arthur Diniz

É interessante observar o processo de formação da Cultura *Ballroom* no Norte e Nordeste. O cenário em João Pessoa vem com o objetivo de criar um local que contemplasse as pessoas T (transexuais e travestis), como observa Marco Aurélio, assistente social “o que acontece é que a cena cultural LGBTQIA+ na maioria das capitais é uma cena mercadológica, é uma cena relativamente burguesa. A gente não percebe espaços que contemplem pessoas periféricas que apresentassem essa característica de relações corporais, de identidade de gênero, associadas à pobreza e questões social”. A criação do que pode ser

interpretada como uma *house*, se deu para criar um local de acolhimento e de participação para pessoas trans, para pessoas periféricas.

Esse processo de concepção é diferente das cenas que se desenvolvem em outras regiões do país, “é importante frisar que a cena *Ballroom* aqui não começa por conta da cena norte americana, ela já existia com a maioria das características, só que não se compunha dessa forma, não se nomeava, mas o modelo orgânico era bem parecido”. Esse não é um fenômeno isolado, Deca Feiticeira, notou essa organização também em Criciúma, “eu convivi com um grupo de amigos, a gente era uma *house* e não sabia, muito estruturada. A gente inclusive praticava a dança e tudo mais, não conhecia a Cultura *Ballroom*, mas já praticava isso”.

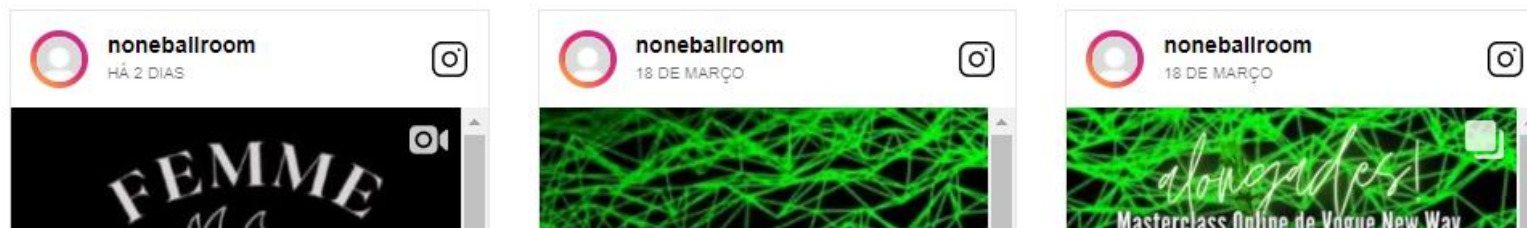
O que faz com que essa cultura seja importada e se diferencie nas cenas nacionais se dá no âmbito relacionado à sua organização e características. “Tem esse tipo de reunião no Brasil, mas não tão institucionalizada, do que é uma *house*, do que é um *ball*, o que é cada tipo de categoria, esse tipo de organização. Mas sempre houveram esses grupos que socializam, se juntam, exatamente para lidar com essa marginalidade” completa Henrique Cintra.

Como explica Fênix Negra Zion, produtora de moda, as cenas do Norte e do Nordeste estão “vivenciando um momento de estruturação e fortalecimento.

Nordeste estão vivenciando um momento de estruturação e fortalecimento. Entendendo que a estrutura xenofóbica está na base da sociedade brasileira e pode ser vista também na *Ballroom Brasil*. Decidimos então construir a partir das nossas vivências e contribuições, nossas novas narrativas”. Assim surge essa divisão entre a cultura do Norte e Nordeste (NoNe), sempre dialogando com o resto do país, mas levando em conta todas as questões históricas, regionais e culturais que dividem as regiões. “Focamos não só em nossas culturas, também em nosso tempo. Viver no Norte ou Nordeste é complexo. Nosso ritmo é outro, o que não diminui nossas potencialidades”, complementa Fênix.

Essa segregação remonta o momento de criação original da Cultura *Ballroom*, podendo ser observada por Roberto Dutra, antropólogo, “Assim como existia na cena americana, que era excludente com as meninas latinas e negras, elas [comunidade NoNe] também identificam que existe uma cena que é excludente com pessoas pretas, pessoas trans, mas também com a regionalidade”.

Perfil da NoNe Ballroom no Instagram



Epílogo

É possível notar a semelhança dos processos em que se forma a Cultura *Ballroom*, no século passado em Nova Iorque, com a formação dessa cultura no Brasil em tempos contemporâneos. O ambiente das *houses* seguem sendo um mundo seguro para seus participantes se expressarem, por conta de uma sociedade que oprime todos aqueles que não seguem os padrões aceitos para expressão de gênero e os que sofrem preconceito por conta da cor da pele. A existência desses espaços seguros, independente da classificação que recebe, sempre existiu e tende a existir, pois vivemos em uma sociedade que oprime as minorias, principalmente as pessoas trans e negras pobres.

Reproduzir um papel heteronormativo é algo que se faz muito presente na a comunidade LGBTQIA+. Por conta disso, Ever Feiticeira sente que teve um processo de libertação dentro da Casa, pois “eu sempre fui uma pessoa que teve uma aparência heteronormativa, essa liberdade de estar com eles e poder me expressar foi o que mais me segurou na casa. A ligação que a gente acaba criando, é o emocional muito forte, acaba criando uma rede de apoio, muito maior que eu com a minha família”.

Mudar o jeito de se portar também é presente na vida de Izhy Feiticeira. “Eu consigo ser com as Feiticeiras aquele lado que eu deixo preso para mim quando encontro com minha família de sangue. Quando encontro com eles eu ajo de uma maneira natural, mas ainda tem aquele lado que não mexe tanto, tem aquela mão que não desmunheca tanto, aquela voz que não afina tanto, aquele gesto que não afina tanto, justamente como uma de proteção, eu sei que os olhares que vão vir não serão olhares bons”.

A criação dos espaços e como nos comportamos em cada um deles varia. O que entra em jogo é a territorialidade, visto que "em cada espaço eu posso articular uma identidade diferente. Então melhor do que a gente ficar pensando em uma identidade fixa para as pessoas, vamos pensar nessa territorialidade, que é essa possibilidade que a gente tem de construir novos territórios e novas possibilidades de vida. São possibilidades que estão ligadas ao mundo do desejo. Eu posso recusar um certo desejo que eu tenha, por acreditar que ele é fora de lugar. Mas quando eu vou em um lugar e eu vejo que naquele lugar esse desejo é possível, é muito potente”, arremata Marco Aurélio, antropólogo.

Izhy explica sobre o processo de ingresso na *house*. Primeiramente é preciso conhecer a pessoa e ver quem ela realmente é, pois “vamos convidar ela para vir em um treino, vir no 'rolezinho' que a gente faz e, a partir daí, a gente deixa a

peessoa livre, só seja tu, vamos ver se essa *vibe* conecta com a gente. A gente não quer nem uma pessoa que saiba dançar, que faça *chant*, com melhor rosto, melhor corpo. Não é isso! Não é o corpo e a performance que a gente quer. Queremos o que tem dentro”. Mas buscam sempre tornar esse convite confortável para todos os membros da casa, assim “perguntamos para as 'gatas' da *house* 'tá disposta que a pessoa entre?'. Se alguém falar que não, tá tudo bem, a gente deixa mais pra frente. A gente faz esse teste mesmo, porque se uma 'gatinha' ficar desconfortável na *house* não tem o porquê colocar a outra”, completa.

Assim como é importante entrar em uma *house*, é preciso sentir a hora de sair. Para Diogo Vaz Franco, se desligar da Casa das Feiticeiras foi a decisão certa a tomar, “a partir do momento que eu senti que a minha presença ali não estava nem contribuindo para o coletivo, nem o coletivo estava conseguindo me fazer melhor, a decisão que eu tive de sair para mim foi a mais acertada. Não cortei relações com essas pessoas, só coloquei em um outro patamar que foi mais saudável. São pessoas que convivo até hoje e pessoas muito queridas”.

As *houses* são espaços de resistência e existência; no fim, todos podemos nos sentir acolhidos na *Ballroom*.

LH a K

Reportagem e Site: Guilherme Tomazoni Felipe | letshaveakiki.tcc@gmail.com

Conheça a Casa das Feiticeira no Instagram [@casadasfeiticeiras](https://www.instagram.com/casadasfeiticeiras)

Conheça a Cultura Ballroom no Brasil [@ballroombr](https://www.instagram.com/ballroombr)

O que ler:

- [Butch Queens Up in Pumps: Gender, Performance, and Ballroom Culture in Detroit](#). Autor: Marlon M. Bailey
- [Vogue: dança a partir de relações corpo - imagem](#). Autor: Odailso Berte
- [Queer latino testimonio, Keith Haring and Juanito Xtravaganza](#). Autor: Annelde Cruz Meléndez

O que ler:

- [Butch Queens Up in Pumps: Gender, Performance, and Ballroom Culture in Detroit](#) Autor: Marlon M. Bailey
- [Vogue: dança a partir de relações corpo - imagem](#), Autor: Odailso Berte
- [Queer latino testimonio, Keith Haring and Juanito Xtravaganza](#), Autor: Arnaldo Cruz-Malavé
- [Voguing and the House Ballroom Scene of New York City 1989-92 \(Soul Jazz\)](#), Autor: Tim Lawrence
- [A transnacionalização da cultura dos Ballroom](#), Autor: Henrique Cintra Santos

O que assistir:

- [Paris is Burning](#) (1990)
- [The Queen](#) (1968)
- [Pose](#) (2018)
- [Legendary](#) (2020)
- [A Vida e a Morte de Marsha P. Johnson](#) (2017)